

Folhas de Erva

Walt Whitman

Prémio Tradução do Pen Club 2002



Relógio D'Água

Folhas de Relva

Walt Whitman

Seleção e tradução de Geir Campos

Ilustrações de Darcy Penteado

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
RIO DE JANEIRO

Índice

A base de toda a Metafísica
A Criança e a Relva
A Jaula dos Escravos
À Margem do Ontário Azul
A Sombra de Minha Imagem
A Ti
A Ti, Leitor
A um Certo Paisano
A um Historiador
A um Ser Estranho
A uma Prostituta Comum
Adeus, Fantasia Minha!
Ao Começar meus Estudos
Ao começar meus estudos
Ao que foi crucificado

Às vezes com quem amo
Broadway
Canção de Mim Mesmo
Canto a Mim Mesmo
Canto da Estrada Aberta
Canto da Exposição
Canto do Machado
Canto do Respondedor
Canto da Terra Girando
Certa vez passei por uma populosa cidade
Com teus dons todos
Como Adão de manhã cedo
Contigo
Continuidades
Das Pessoas que Atingem Posições Elevadas
Do Inquieto Oceano da Multidão
Em Luisiana eu vi um carvalho crescendo
És a nova pessoa vinda a mim?
Esta é a Forma Fêmea
Estão Todas as Verdades à Espera em Todas as Coisas
Eu canto o corpo elétrico
Eu Mesmo
Hoje calados fiquem os acampamentos
Iniciadores
Máquina Alguma de Poupar Trabalho
Milagres
Momentos ao Natural
Não fecheis vossas portas para mim
Neste momento terno e pensativo
O Macho
Pensamentos
O Blabláblá das Ruas...
O Corneteiro Místico
O hímen! O himeneu!
O Massacre dos Inocentes
O Próprio Ser Eu Canto
Oh Capitão! meu Capitão!

Ouço dizer
Ouvindo meu nome sussurrado...
Poetas do Porvir
Por ti, ò Democracia
Princípios da Criação
Quando Analiso a Conquistada Fama
Quando estava lendo o livro
Quando eu deitava a cabeça em teu ombro
Quem Aprende Minha Lição Completa?
Quem quer que sejais vós
Reconciliação
Reversais
Saúdo ao Mundo
Silenciosa Aranha Paciente
Sou o poeta do corpo e da alma
Tudo é Verdade
Um Canto às Ocupações
Uma folha às mãos dadas
Uma mulher me espera
Vadio de uma jornada perpétua...
Vida
Vocalismo

A ti, leitor

Tu, leitor, que palpitas de vida e orgulho e amor
assim como eu, a ti, por isso os cantos que se seguem!

*** **

A Criança e a Relva

Uma criança disse:
O que é a relva? - trazendo um tufo em suas mãos;
O que dizer a ela?... sei tanto quanto ela o que é a relva.

Vai ver é a bandeira do meu estado de espírito,
tecida de uma substância de esperança verde.
Vai ver é o lenço do Senhor,
Um presente perfumado e o lembrete derrubado por querer,
Com o nome do dono bordado num canto,
pra que possamos ver e examinar, e dizer:
- É seu?

A Ti

Quem quer que sejas - temo que estejas trilhando as trilhas
das ilusões:
temo que essas supostas realidades venham a derreter-se sob
teus pés e mãos,
mesmo agora teus traços, alegrias, fala, casa, negócios,
maneiras, preocupações, costumes, loucuras, crimes, longe
de ti se dissipam,
tua alma e corpo em verdade surgem diante de mim,
destacam-se das tarefas, do comércio, lojas, trabalho, fazendas,
roupas, a casa, comprar, vender, comer, beber, sofrer,
morrer.
Quem quer que sejas - eu agora ponho sôbre ti minha mão,
para seres meu poema,
sussurro com meus lábios perto de tua orelha,
muitas mulheres e homens tenho amado mas não amo a
ninguém mais do que a ti.
Oh que tardio e mudo tenho sido!
Devia ter traçado meu caminho muito antes diretamente a ti,
eu não devia ter falado em nada senão em ti, eu não devia
ter cantado nada senão a ti.

Quero deixar tudo e vir e compor hinos a ti,
ninguém te tem compreendido mas eu te compreendo,
justiça ninguém te fêz, nem a ti próprio tens feitos justiça,

ninguém deixou de te achar imperfeito, sou o único a não ver imperfeição em ti,
ninguém quis senão subordinar, eu sou o único a não consentir jamais que te subordinem,
sou o único que sôbre ti não põe nenhum mestre, senhor, superior, Deus, acima do que em ti intrinsecamente espera.

Pintores têm pintado seus grupos numerosos com a figura central de todos,
da cabeça da figura central espalhando-se uma aura de luz dourada,

porém eu pinto miríades de cabeças e cabeça alguma eu pinto sem a aura própria de luz dourada,
de minha mão para o cérebro de tudo quanto é homem e mulher, em jôro fluindo sempre radiosamente.

Ah eu pudera cantar tanta grandeza e glória a teu respeito!

Nunca sou?este o que és, a vida tôda cochilaste sôbre ti mesmo,

para mim tuas pálpebras estavam como fechadas a maior parte do tempo,

o que fazias já retoma em brincadeiras.

(Tua poupança, conhecimentos, preces, a não retomarem em brincadeiras, que retôrno hão de ter?)

Não estás nas brincadeiras,

por baixo delas e por dentro delas percebo que te escondes, eu te persigo onde ninguém jamais te perseguiu:

silêncio, a escrivantina, a expressão brejeira, a noite,

os hábitos de rotina - se isso te esconde dos outros

ou de ti mesmo, de mim não te esconde,

o rosto barbeado, o olhar inquieto, a aparente impureza,

se engana aos outros isso não engana a mim,

a vestimenta berrante, a atitude deformada, embriaguês,

ganância, morte prematura, tudo isso eu ponho de lado.

Não há dote nenhum em homem .ou mulher que não esteja demarcado em ti,

não há virtude ou beleza de homem ou mulher que em ti

não haja tão boa,

nem ânimo ou resistência de outros que em ti não ache igual,
nem prazer à espera de outros sem um prazer igual esperando
por ti.

Quanto a mim, a ninguém dou coisa alguma sem te dar
cuidadosamente o mesmo,
eu não entôo cantos à glória de ninguém, nem Deus, antes
que entôe cantos à tua glória.

Quem quer que sejas - clama por ti próprio em tôda ocasião!
Essas amostras do Leste e do Oeste comparadas contigo são
insípidas,

êsses prados imensos, êsses rios sem fim,
tu és imenso e sem fim tanto quanto êles,
essas fúrias, borrascas, elementos, gestos da Natureza, vascas
de aparente dissolução,

tu és aquêle ou aquela que disso será senhor ou senhora,
senhor ou senhora em seu direito sôbre a Natureza, os
elementos, a dor, a violência, a dissolução.

Dos tornozelos caem-te os grilhões, achas uma infalível
suficiência,

velho ou jovem, macho ou fêmea, inculto, baixo, rejeitado
pelo rosto, o que tu és proclama-se a si mesmo,
atravessando nascimento, vida, morte, sepultamento,
propiciam-se os meios, nada é poupado,
atravessando raivas, ambição, perdas, ignorância, tédio,
o que tu és ponteia seu caminho.

A um Certo Paisano

Querias rimas adocicadas de mim?

Buscavas as rimas lânguidas e calmas dos paisanos?

Achaste o que eu cantava inicialmente difícil de acompanhar?

Pois inicialmente eu não cantava para que acompanhasses,
compreendesses - nem canto agora.

(Nasci da mesma coisa de que nasceu a guerra:

o rataplã dos grupos de tambor é doce música para mim sempre,
e eu gosto muito do cântico militar
com lento choro e convulsos soluços guiando o entêro do
oficial.)

Que tem a ver com alguém como tu um poeta como eu?

Portanto, deixa o que eu faço

e vai ninar-te com o que podes compreender, melodias de piano,
pois eu não nino ninguém e não me há de compreender jamais,

A um Ser Estranho

Estranho ser que passas! não sabes com que ansiedade ponho
meus olhos em ti,

bem podes ser aquêle que eu andava buscando ou aquela que
eu andava buscando

(isso me ocorre como num sonho),

algures certamente eu já vivi contigo uma vida de alegrias,

tudo é lembrado ao passarmos um pelo outro, fluidos,

afeiçoados, castos, amadurecidos,

cresceste junto comigo, foste menino comigo ou menina
comigo,

comi contigo e dormi contigo, teu corpo não se fêz exclusivo

nem meu corpo ficou meu exclusivo,

tu dás a mim o prazer de teus olhos, rosto, carne, ao cruzarmos,
tomas-me a barba, o peito, as mãos, em troca,

eu não estou para falar contigo, mas para pensar em ti quando

me sento sozinho ou quando à noite desperto sozinho,

estou à espera, não duvido de que estou para encontrar-te

outra vez,

com isso estou por ver que não te perco.

A uma Prostituta Comum

Tranqüiliza-te, fica à vontade comigo - sou Walt Whitman,
liberal e saudável como a Natureza,
antes que o sol te exclua eu não te excluirei,
antes que as águas se recusem a fulgurar por ti ou as fôlhas
a sussurrar por ti, não se recusarão minhas palavras a
fulgurar e sussurrar por ti.
Garôta, eu marco um encontro contigo, e te encarrego de fazeres
os preparativos para teres valor ao me encontrares,
e te encarrego de ficares paciente e perfeita até eu chegar.
Até essa hora, eu te saúdo com um olhar significativo a fim
de que não me esqueças.

Adeus, Fantasia Minha!

Adeus, fantasia minha! (Uma palavra eu tinha por dizer,
mas não está bem na hora: das palavras ou dos ditos de um
homem, o melhor
é quando chega o lugar adequado - e pelo que significa,
deixo a minha para o fim.)

Às vezes com quem amo

Às vezes com quem amo fico cheio de raiva,
por medo de estar dando amor não retribuído;
agora penso porém que não há amor sem retribuição,
a paga é certa de uma forma ou outra.
(Amei certa pessoa ardentemente
e meu amor não foi retribuído,
mas desse alguém eu tirei com que escrever
estes cantos.)

Broadway

Que aflitas marés humanas, seja noite seja dia!
Quantas paixões, ganhos, perdas, ardores, nadam em tuas águas!
Que redemoinhos sustentas, de maldade, beatitude e amargura!
Que curiosos olhares indagadores - áscuas de amor!
Cobiça, inveja, desprezo, desdém, anseio, esperança!
Tu portal, tu arena, tu - dos miríades de filas e de grupos
alongados!
(Só teus marcos de pedra, fachadas, curvas, poderiam contar
tuas histórias inimitáveis;
tuas janelas ricas, e amplos hotéis, tuas calçadas largas.)
Tu, a dos pés incessantes correndo, pisando leve, arrastando-se!
Tu, qual o próprio mundo, dando mistura de cores - qual a
vida ilimitada, pejada, fazendo pouco!
Tu, enviseirada, vasta, intraduzível amostra e lição!

A base de toda a Metafísica

E agora, cavalheiros, eu vos deixo uma palavra
que fique nas vossas mentes
e nas vossas memórias
como princípio e também como fim
de toda a metafísica.
(Tal qual o professor aos estudantes
ao encerrar o seu curso repleto.)

Tendo estudado antigos e modernos,
sistemas dos gregos e dos germânicos,
tendo estudado e situado Kant, Fichte, Schelling e Hegel,
situado a doutrina de Platão,
e Sócrates superior a Platão,
e outros ainda superiores a Sócrates
buscando pesquisar e situar,

tendo estudado bastante o divino Cristo,
eu vejo hoje reminiscências daqueles
sistemas grego e germânico,
deparo todas as filosofias,
templos e dogmas cristãos encontro,
e mesmo sem chegar a Sócrates eu vejo
com absoluta clareza,
e sem chegar até o divino Cristo,
eu vejo o puro amor do homem por seu camarada,
a atração de um amigo pelo amigo,
de uma mulher pelo marido e vice-versa
quando bem conjugados,
de filhos pelos pais, de uma cidade
por outra, de uma terra por outra.

A Jaula dos Escravos

De repente da sua jaula imunda e sonolenta
- a jaula dos escravos - como um relâmpago saltou
meio acordada sobre si mesma,
metendo os pés nas cinzas e molambos,
mãos apertando gargantas de reis.

Ô esperança e fé!
Ô doloroso fim de vidas de patriotas no exílio!
Ô tanto coração adoentado!
Voltai-vos para este dia e refazei-vos de novo!
E vós, assalariados para corromper o Povo - mentirosos,
atentai!
Não foi por incontáveis agonias, assassinatos, luxúria,
pelos roubos da corte em suas múltiplas formas mesquinhas
roendo na sua simplicidade os vencimentos dos pobres,
por tanta promessa e jura feita por lábios reais
e quebrada com risos pela quebra,

que uma vez no poder nem por tudo isso ressoam os golpes
da vingança ou as cabeças dos nobres rolam,
se o Povo desdenhava a atrocidade dos reis.

Mas a doçura da misericórdia fermentava destruição maior,
e os monarcas retomam assustados,
cada qual mais pomposo com seu séquito, carrasco, padre,
coletor de impostos, soldado, jurista, senhor de terras,
carcereiro, e parasita.

Ainda por trás de todo o roubo degradante - ah, uma figura,
vaga como a noite, coberta infinitamente,
cabeça e fronte e formas, em dobras escarlates,
de quem a face e os olhos ninguém consegue ver,
apenas isso saindo das vestes, as vestes rubras
levantadas pelo braço,
um dedo torto a apontar para cima, qual se mostra a cabeça
de uma víbora.

Enquanto isso cadáveres jazem em covas recém-abertas,
sangrentos corpos de jovens,
a corda da forca desce com peso, as balas dos príncipes
alçam voo, as criaturas do poder dão gargalhadas;
e todas essas coisas dão seus frutos, e eles são bons.
Esses corpos de jovens,
esses mártires pendentes das forcas, esses corações
varados de chumbo escuro,
frios e imóveis que embora pareçam, revivem noutra lugar
com intocada vitalidade.

Vivem em outros jovens, ó reis!

Vivem em irmãos outra vez prontos a desafiar-vos:
foram purificados pela morte, ensinados e exaltados.

Não há cova de morto pela liberdade
que não germine em semente de liberdade,
por seu turno também a dar semente
que o vento leva à distância e replanta

e as chuvas e neves nutrem.
Nenhum espírito arrancado ao corpo
podem as armas dos tiranos deixar solto
que não se imponha invisível sobre a terra, aconselhando,
segredando, prevenindo.

Outros de ti desesperem, Liberdade: não desespero de ti.
A casa está fechada, o mestre ausente?
Não obstante preparai-vos, não vos canseis de vigiar:
ele há de voltar logo, seus mensageiros já vêm.

À Margem do Ontário Azul

Imagináveis que não poderia haver mais de um ser supremo?
Pode haver qualquer número de seres supremos –
um não exime outro tanto quanto um ponto de vista
não exime outro ou tampouco uma vida exime outra.
Tudo é elegível por todos,
tudo pelos indivíduos, tudo por ti:
nenhuma condição é proibida, a de Deus nem qualquer outra.
Tudo vem pelo corpo: só a saúde vos põe em harmonia
com o universo.
Fazei grandes Pessoas, o resto vem depois.
Virtude e conformismo para os que gostam,
tranquilidade, obesidade, submissão para os que gostam;
eu sou aquele que criticamente incita homens, mulheres
e nações, gritando:
- Saltai de vossos assentos e lutai por vós mesmos!

Beirando o Ontário escutei o Fantasma,
ouvi a voz levantar-se catando bardos,
para eles tudo natural e grande, por eles só podem
estes Estados fundir-se num compacto organismo de Nação.

Ter homens reunidos com papel e estampilha ou por obrigação,
não conta, pois só mantém homens reunidos
o que a todos congrega num princípio vital,
com a junção dos membros e do corpo
ou as fibras das plantas.

De todas as raças e épocas estes Estados, com veias estuantes
de substância poética, precisam mais de poetas,
e hão de ter os maiores e hão de usá-los os maiores;
seus Presidentes não valerão para eles como árbitro comum,
como os poetas deles hão de valer.

(Alma de amor e língua de fogo!

Visão que vá às mais fundas profundezas e varra o mundo!

Ah Mãe, pródiga e plena de tudo mais, porém estéril
e estéril por quanto tempo?)

Eu sou aquele que vaga pelos Estados com uma língua farpada
interrogando a todos que deparo:

Quem sois vós que desejáveis somente ouvir dizer
o que antes já sabíeis?

Quem sois vós que desejáveis somente um livro
a juntar à vossa insensatez?

(Com dores e gritos iguais aos teus, ó genitora
de muitas crianças,

estes clamores bárbaros oferto a uma raça de orgulho.)

Ó terras, quereis ser livres mais do que todas já foram antes?

Se quiserdes ser livres mais do que todas já foram antes,

Vinde escutar-me!

Temei a graça, a elegância, a civilidade, a delicadeza,

temei o doce meloso, o sorvo de mel de abelha;

cuidado com o amadurecimento gradativo e mortal
da Natureza,

cuidado com o que precede à queda da solidez dos estados
e dos homens.

As rimas e os rimadores passam,

passam poemas derivados de poemas,
os enxames de imitadores e polidos passam, e deixam cinzas;
admiradores, importadores, pessoas subservientes,
formam apenas o chão da literatura;
justifica-se a América, dá tempo, nenhum disfarce
logra tapeá-la ou esconder-se dela, é bastante serena,
só em direção aos seus próprios iguais avança
para encontrar-se com eles.
Se seus poetas aparecerem ela no tempo devido
avançará ao encontro deles, não há receio ou equívoco.
(A prova de um poeta será inflexivelmente transferida
até que seu país o assimile com a mesma afeição
com que ele o assimilou.)

Ele domina os de espírito que domina,
é de bom gosto para aqueles que se tornam de bom gosto
no fim - o sangue dos musculosos bem amados do tempo
é incapaz de conter-se:
quando há falta de cantos, filosofia, uma ópera nativa
apropriada, artesanato ou arte,
ele ou ela será tanto maior quanto melhor der na prática
o exemplo original.
Já uma geração indiferente, silenciosa surgindo,
nas ruas aparece, a boca do povo saúda apenas os que agem,
os que amam, os que realizam, os que sabem de forma positiva,
em breve já não haverá mais padres,
eu digo que a tarefa deles terminou,
a morte é sem emergências aqui, porém a vida é aqui
uma perpétua emergência.
São fabulosos vossos corpos, vossos dias e hábitos?
Fabulosos sereis depois da morte:
a justiça, a saúde, o amor próprio, abrem caminho
com poder irresistível.
Como ousais colocar uma coisa qualquer diante de um homem?

A Sombra de Minha Imagem

A sombra de minha imagem que vai para um lado e outro
procurando uma forma de viver, conversando, barganhando,
eu quantas vezes dou por mim parado e olhando-a
por onde passa,
quantas vezes indago e ponho em dúvida que isso seja
realmente eu;
mas entre os que me amam e no cantarolar estas canções,
ah não duvido jamais de que seja eu realmente.

A um Historiador

Vós que louvais o passado,
que tendes explorado a face exterior,
a superfície das gentes,
o lado da vida que se exibiu,
que tendes tratado o homem
como uma criatura de políticos,
agregados, governantes e pregadores,
eu, habitante dos Alegânis,
tratando-o tal como em si mesmo
é ele em seus próprios direitos,
tomando o pulso da vida que raramente se exhibe
(o fundo orgulho do homem consigo mesmo),
Cantor da Pessoa Humana,
delineando o que ela ainda está por ser,
o que eu projeto é a história do futuro.

Ao começar meus estudos

Ao começar meus estudos,
o passo inicial me agradou tanto,

a simples tomada de consciência dos fatos,
essas formas, a força em movimento,
o mais pequeno inseto ou animal, sentidos, vista, amor,
digo que o primeiro passo me infundiu tanto respeito
e me deu tanto prazer
que a muito custo eu teria passado,
e a muito custo gostaria de passar adiante
senão de parar ali e vaguear todo o tempo
cantando aquilo em cantos extasiados.

Ao que foi crucificado

Meu espírito ao teu, querido irmão:
não te incomodes se tantos apregoando teu nome
não compreendem,
não apregoo teu nome e te compreendo,
com alegria te indico, meu camarada,
a fim de saudar-te e saudar
aqueles que estão contigo, antes e depois,
assim como os que hão de vir,
para que juntos laborem todos passando adiante
o mesmo encargo e sucessão,
iguais nós poucos indiferentes a terras, indiferentes a épocas,
nós, detentores de todos os continentes, todas as castas,
tolerando quaisquer teologias,
solidaristas, perceptivos, conexão entre os homens,
silenciosos caminhamos entre asserções e disputas,
porém não rejeitamos as disputas,
nem coisa alguma das asseveradas,
ouvimos o vozerio e o barulho, somos atingidos pelas facções,
ciumadas, críticas de todo lado
fecham-se terminantes sobre nós para envolver-nos,
meu camarada,
e entretanto vamos seguindo inalcançados, livres,
todo o mundo aí, jornadeando para cima e para baixo

até deixarmos nossa indelével marca no tempo
e em várias épocas,
até nós saturarmos bem o tempo e as épocas
para que os homens e as mulheres de raças vindouras
possam provar-se irmãos
e amantes como somos.

Aos que Falharam

Aos que falharam, grandes na aspiração,
aos soldados sem nome caídos na vanguarda do combate,
aos calmos e esforçados engenheiros, aos pilotos nos barcos,
aos super-ardorosos viajantes,
a tão sublimes cantos e pinturas sem reconhecimento
- eu gostaria de erguer um momento coberto de louros
alto, bem alto, acima dos demais:
A todos os truncados antes do tempo,
arrebatados por algum estranho espírito de fogo,
tocados por morte prematura.

Aos Ricos Dádivosos

O que me dais alegremente aceito:
um ligeiro sustento, uma cabana e jardim, dinheiro pouco,
enquanto tenho *rendez-vous* com meus poemas,
alojamento e café para o viajante quando vou de jornada
pelos Estados
- por que haveria eu de envergonhar-me em receber
Essas dádivas? Por que fazer publicidade delas?
Pois se eu mesmo não sou alguém que não ofereça nada
A homem ou mulher,
pois se ofereço a todo homem ou mulher entrada
para todas as dádivas do universo.

Canto a mim mesmo

Celebro a mim mesmo, e canto a mim mesmo,
e o que eu assumo deveis assumir,
pois cada átomo que me pertence a vós pertence também.

Folgo e convido minha alma,
deito-me e folgo à vontade vendo uma lança de capim no estio.
Minha língua, cada átomo do meu sangue,
formado deste solo, deste ar,
nascido aqui de pais aqui nascidos de pais semelhantes nisso
e os pais deles também,
eu, agora com trinta e sete anos, começo em plena saúde,
contando não parar até à morte.

Crenças e escolas em potencial,
afastadas um pouquinho que basta para o que são,
embora não esquecidas,
dou guarida ao bem e ao mal,
permito-me falar em qualquer circunstância,
natureza seu confronto com a força original.

Folga comigo na grama, afrouxa o nó da garganta,
nem palavras nem música nem rimas estou querendo, nem
costume nem lição, nem mesmo do melhor,
quero só o acalanto, o murmúrio de tua voz valvar.
Eu creio em ti minha alma, o outro que sou não deve
rebaixar-se a ti, e nem precisas rebaixar-te ao outro.
Penso em como uma vez nos espichamos
deitados certa manhã de verão transparente,
como forçaste a cabeça nos meus quadris
e gentilmente te viraste sobre mim
e me rasgaste a camisa no osso do peito
e enfiaste a língua em meu coração nu

e foste assim até sentir-me a barba
e foste assim até sentir-me os pés.

Docemente cresceu e em torno a mim se espalhou a paz
E conhecimento além de todo argumento da terra,
e eu sei que a mão de Deus é a promessa da minha,
e sei que o espírito de Deus é o irmão do meu
e que todos os homens já nascidos também são meus irmãos,
e as mulheres irmãs e amantes minhas,
e que um reforço da criação é o amor,
e ilimitadas são as folhas secas ou caindo nos campos,
e acastanhadas formigas nos buraquinhos por baixo delas,
placas de limo na cerca bichada, pilhas de pedras,
flores silvestres, musgo e espinheiro.

Alguém terá julgado uma sorte ter nascido?
Apresso-me a informar a ele ou ela que sorte igual é morrer,
e isto sei eu.

Eu passo a morte com os que estão morrendo
e o nascimento com os bebês recém-lavados,
e não me sinto contido entre o chapéu e os sapatos,
e manuseio objetos de diversas formas,
nem dois iguais e cada qual melhor,
a terra boa e boas as estrelas, bom tudo o que vai por elas.

Não sou uma terra nem função de terra alguma,
sou o colega e companheiro de pessoas,
todas elas tão imortais e inesgotáveis como eu próprio
(não sabem quão imortais, mas eu sei).

Cada espécie por si e para si mesma,
para mim macho e fêmea,
para mim os que já foram meninos e amam mulheres,
a mim o homem que tem seu orgulho e sabe como doer
ser desconsiderado,
a mim a namorada e a virgem velha,
as mães e as mães de mães,

a mim os lábios que já deram riso,
olhos que já deram lágrima,
a mim crianças e criadores de crianças.
Descubram-se! Não são culpados, para mim,
nem maus Nem postos à margem,
vejo através da roupa de lã ou de algodão se sim ou não,
e fico em volta, pertinaz, aquisitivo, infatigável,
e não posso ser mandado embora.
Vinte e oito moços tomando banho na praia,
vinte e oito moços e todos tão amigáveis;
vinte e oito anos de uma vida de mulher e todos tão solitários.
E dona da linda casa na subida do barranco,
ela se esconde simpática e bem vestida
por detrás das bandeiras da janela.

Qual o moço de que ela gosta mais?
Ah o mais caseiro de todos para ela é o mais bonito.
Para onde ides saindo, minha senhora?
Pois eu vos estou vendo, mergulhais naquelas águas,
apesar de parada feito um pau em vosso quarto.

Dançando e rindo na linha da praia vem o banhista
vigésimo-nono, os demais não a entreviram
mas ela os viu e adorou.

As barbas dos homens moços brilhavam de gotas d'água,
caindo-lhes dos compridos cabelos,
pequenos fios d'água lhe escorriam pelo corpo todo.
Uma invisível mão também passava pelos corpos deles,
descendo trêmula das fronte e quadris.
Os moços nadam de costas, claras barrigas ao sol, sem
indagarem quem estende a mão para eles,
eles não sabem quem enche o peito
e desiste de sobrancelhas curvadas e vacilantes,
nem lhes ocorre que estejam salvando alguém
com a água que respingam.

Estes são realmente os pensamentos de todos os homens
Em qualquer tempo e lugar, não são originais meus,
se eles não são tão vossos quanto meus
não querem dizer nada, ou quase nada,
se não forem a pergunta e a solução da pergunta,
não significa nada,
se não se põem tão perto quanto distantes parecem,
não valem nada.

Esta é a relva que cresce onde quer que haja terra e haja água,
este é o ar comum que banha o globo.
Com música forte eu venho,
com minhas cornetas e meus tambores,
não toco marchas só para os vencedores consagrados,
toco marchas também para pessoas batidas e conquistadas.
Já não ouviste dizer que era bom ganhar o dia?
Eu digo que perder também é bom, batalhas são perdidas
com o mesmo espírito com que são ganhas.

Rufo e bato pelos mortos,
sopro nas minhas embocaduras o que de mais alto
e de mais alegre posso por eles.
Vivas àqueles que fracassaram!
E àqueles cujos navios de guerra afundaram no mar!
E àqueles que em pessoa afundaram no mar!
E a todos os generais que perderam nas manobras e foram
todos heróis!
E ao sem número dos heróis desconhecidos
equivalentes aos heróis maiores que se conhecem!

Quem é que vai por aí - inquieto, tosco, místico, nu?
Como é que eu extraio força da carne que como?
Que é um homem, afinal? Que sou eu? Que sois vós?
Tudo que aponto de meu podeis tomar como vosso,
não sendo o tempo perdido a escutar-me.
Não choro aquilo que o mundo chora demais,
que os meses sejam de vazio e o chão de lama e podridão.

Gemendo e se acovardando cheio de pó para inválidos,
o conformismo fica bem para os de quarto grau;
eu ponho como quero o meu chapéu, portas adentro ou fora.
Por que haveria eu de rezar?
Por que haveria de exhibir respeito e fazer cerimônias?
Tendo inquirido até os estratos, analisado até um fio de cabelo,
consultado doutores e calculado de acordo,
eu não encontro substância mais doce do que a ligada
com meus próprios ossos.

Em toda pessoa eu vejo a mim mesmo,
nem mais nem menos um grão de cevada,
e o bem ou mal que digo de mim mesmo eu digo deles.
Sei que sou sólido e são,
para mim convergindo fluem perpetuamente coisas do universo,
todas estão escritas para mim e tenho de saber
o que a escrita significa.

Sei que não tenho morte,
sei que esta minha órbita não pode ser riscada
por um compasso de carpintaria,
sei que não hei de passar assim como verruga de criança
tirada à noite com alfinete queimado.
Eu sei que sou soberbo,
não perturbo meu espírito para mostrar seu valor
ou para ser entendido,
vejo que as leis elementares nunca apresentam desculpas.
(Eu reconheço que, afinal de contas, não procedo com orgulho
além da altura a que ergo minha casa.)
Existo como sou, isso é bastante;
se nenhum outro no mundo toma conhecimento,
eu me sento contente,
e se cada um e todos tomam conhecimento,
eu me sento contente.

Há um mundo que toma conhecimento e que é de longe o
maior para mim - o mundo de mim mesmo;

se a mim mesmo eu chegar hoje, ou daqui a dez mil ou a dez milhões de anos,
posso alcançá-la agora bem disposto
ou com igual disposição posso esperar.
O lugar para meus pés está lavrado e ajustado em granito;
eu me rio do que chamais dissolução,
conheço bem a amplitude do tempo.
Eu sou o poeta do Corpo e sou o poeta da Alma,
as delícias do céu estão em mim
e os horrores do inferno estão em mim,
o primeiro eu enxerto e amplio em meu redor,
o segundo eu traduzo em nova língua.

Eu sou o poeta da mulher assim como do homem,
e digo que tanta grandeza existe no ser mulher
como no ser homem,
e digo que não há nada maior do que a mãe de homens.
Canto o cântico da expansão e orgulho,
já tivemos esquivanças e críticas suficientes,
eu demonstro que tamanho é apenas evolução.
Já ultrapassastes os outros? Sois acaso o Presidente?
Que ninharia: farão mais do que chegar
e ainda passarão à frente.

Eu sou aquele que vai com a noite tenra e crescente,
invoco a terra e o mar meio tomados pela noite.
Aperta mais, noite de peito nu!
Aperta mais, noite nutriz magnética!
Noite dos ventos do sul - noite das poucas estrelas grandes!
Noite ainda a se curvar - alucinada noite nua de verão.
Sorri, ó terra voluptuosa de hálito frio!
Terra das árvores dormentes e líquidas!
Terra do pôr-de-sol longe - terra dos montes cobertos de névoa!
Terra do vítreo gotejar da lua cheia apenas tinta de azul!
Terra do brilho e do sombrio encontro nas enchentes do rio!
Terra do límpido cinza das nuvens mais brilhantes e claras
Por meu gosto!

Terra dos grandes lances encontrada - rica terra
de peito de maçã!
Sorri, pois vem chegando teu amante.
Pródiga, amor me tens dado - portanto eu te dou amor!
Oh indizível apaixonado amor.
Interminável desdobrar das palavras dos tempos!
Por mim uma palavra bem moderna - a palavra Massa.
Uma palavra da fé que nunca se altera,
aqui ou daqui em diante é sempre a mesma,
entendo o Tempo em termos absolutos.

Ela é a única sem mancha, envolve e completa tudo,
a surpreendente maravilha mística sozinha completa tudo.
Aceito a Realidade e não ousa interrogá-la,
impregnação de materialismo do princípio ao fim.
Viva a ciência positiva! Viva a experiência exata!
Tomai a planta da pedra junto com cedro e ramos de lilás,
aqui está o lexicógrafo, aqui o químico, aqui o que fez
uma gramática de velhos pergaminhos,
aqui marujos que levaram seu navio por mares perigosos
e ignorados, aqui o geólogo, aqui o que maneja o bisturi,
e aqui um matemático.

Cavalheiros, são sempre para vós as honras iniciais!
Vossos feitos são úteis, e, embora eles não me digam respeito,
apenas entro para perto deles sem sair da área
que me diz respeito.
Menos os que recordam propriedades
contaram palavras minhas,
e mais os que recordam a vida não-expressa, a liberdade
e o extravasamento,
e pouco levam em conta os neutros e as castrações,
e favorecem homens e mulheres inteiramente equipados,
e fazem ressoar o gongo da revolta, e fazem ponto
com os fugitivos e os que tramam e conspiram.

Ser de uma forma - que é isso?

(Giramos e giramos, todos nós, e estamos sempre de volta.)
Se nada houvesse mais evoluído,
a ostra em sua calosa concha deveria bastar.
Não sou de concha calosa,
tenho instantâneos condutores por mim todo,
esteja andando ou parado,
aprendem cada objeto e o levam sem dano através de mim.
Eu simplesmente me animo, tato, sinto com os dedos,
e sou feliz, tocar com minha pessoa a de outrem
é quase tanto quanto eu posso resistir.

Estão todas as verdades à espera em todas as coisas,
nem apressam o próprio nascimento nem a ele se opõem,
não carecem do fórceps obstetrício do cirurgião,
e o insignificante é para mim tão grande como tudo
(o que é menos ou mais do que um contacto).
Sermões e lógicas jamais convencem,
o peso da noite cala muito mais profundo em minha alma.
(Só o que se prova a qualquer homem ou mulher, é que é;
só o que ninguém nega, é que é.)
Um minuto e uma gota de mim me resolvem o cérebro,
eu acredito que torrões de barro
podem tornar-se em amantes e lâmpadas,
e um compêndio de compêndios é a carne
que alimenta um homem ou mulher,
e num ápice ou flor lá está o sentimento de um pelo outro
e devem ramificar-se além das fronteiras dessa lição
até que isso passe a todos
e até que um e, todos nos possam deleitar, e nós a eles.

Agora eu conto o que aprendi no Texas em minha juventude
(não contarei a tomada de Alamo,
não escapou ninguém para contar a tomada de Alamo,
aqueles cento e cinquenta ainda estão mudos em Alamo):
esta é a história do assassinio a sangue frio
de quatrocentos e vinte homens moços.

Em retirada tomaram a formação de um quadrado vazio, com as bagagens como parapeitos, nove centos de vidas do inimigo que agora os sitiava, nove vezes o que tinham em número, foi o preço que cobraram adiantado, o coronel deles fora ferido e a munição terminara, negociaram capitulação honrosa, receberam papel lacrado e escrito, depuseram as armas e marcharam prisioneiros de guerra.

Eram a glória da raça dos *rangers*, sem rivais em montaria, rifle, canção, repasto, galanteio, enormes, turbulentos, generosos, orgulhosos e amáveis, barbudos, peles tostadas de sol, trajados à maneira livre dos caçadores, nenhum deles passava dos trinta anos de idade. No segundo domingo de manhã foram tirados em grupos e massacrados, era uma linda manhã de verão, a faina começou por volta das cinco e meia e às oito havia acabado.

Nenhum deles acatou a ordem de ajoelhar, alguns tentaram correr doida e inutilmente, alguns ficaram duros em pé firmes, alguns poucos tombaram de uma vez, com tiros na fronte ou no coração, vivos e mortos estirados juntos, os mutilados e desfeitos cavacando o chão, os recém-vindos viam-nos ali, uns meio mortos tentavam sair de rastos, esses eram despachados a baionetas ou esmagados a coronhas de espingardas, um jovem com não mais de dezessete anos agarrou seu alzo até dois outros virem afrouxá-lo, e ficaram os três todos rasgados e cobertos de sangue do rapaz. Às onze horas começou a queimada dos corpos. É essa a história do assassinato dos quatrocentos e vinte homens moços.

É tempo de eu me explicar - vamos ficar de pé.
o que é conhecido eu deixo,
chamo todos os homens e mulheres para a frente comigo
pelo Desconhecido.
O relógio indica a hora - mas o que é que indica a eternidade?
Assim temos esgotado trilhões de verões e invernos,
existem trilhões à frente, e trilhões à frente deles.
Berços trouxeram-nos riqueza e variedade,
mais berços hão de trazer-nos riqueza e variedade.
Não digo que um é maior e um é menor,
o que preenche bem seu tempo e seu lugar
é igual a qualquer outro.

Ter-se-á mostrado a espécie humana ciumenta ou assassina
para contigo, irmão meu, minha irmã?
Por ti lamento, não se mostram assassinos ou ciumentos a mim,
todos têm sido cordiais para comigo,
não faço conta de lamentações.
(Que iria eu fazer com lamentações?)
Eu sou um vértice de coisas feitas, um cercado de coisas
Por fazer.
Meus pés batem num topo do topo das escadas,
feixes de idades em cada degrau,
e feixes maiores entre os degraus,
tudo de baixo devidamente galgado, e eu subo e subo ainda.
Aurora após aurora atrás de mim os fantasmas se curvam,
em baixo longe eu vejo o grande Nada inicial,
sei que estive lá mesmo,
eu aguardava sem ser visto e sempre,
e entre a bruma letárgica eu dormia,
e aproveitei meu tempo,
e nenhum mal me fez o fétido carbono.
Por longo tempo eu estive enrolado - longo mais longo.
Imensas haviam sido as preparações de mim,
confiantes e amistosos os braços que me ajudaram.
Ciclos fizeram navegar meu berço, remando e remando sempre

como alegres barqueiros,
para me darem lugar estrelas desviaram-se das órbitas,
mandaram influências espiar o que haveria de ficar comigo.
Antes de sair eu do ventre de minha mãe,
gerações me orientaram,
meu embrião jamais esteve entorpecido,
coisa nenhuma podia cobri-lo.

Para isso a nebulosa sustentava-se em órbita,
os longos estratos lentos amontoavam-se para aninhá-la,
plantas enormes davam-lhe sustento,
sáurios monstruosos o transportavam na boca
e o pousavam com cuidado.
Tôdas as forças foram prontamente usadas
para me completarem e para me deleitarem,
agora neste ponto eu me levanto com minha alma robusta.
Tenho dito que a alma não é mais do que o corpo,
e tenho dito que o corpo não é mais do que a alma,
e que nada, nem Deus, para ninguém é maior
do que a própria pessoa,
e quem anda duzentas jardas sem vontade anda fazendo o
próprio funeral vestido em sua mortalha,
e eu como vós sem um tostão no bolso posso comprar o que
o mundo tem de melhor,
e dar uma vista de olho ou mostrar uma vagem no seu galho
confunde o aprendizado de todos os tempos,
e que não há profissão ou emprego que o homem moço
seguindo não seja herói,
e que não há coisa alguma tão mole
que não sirva de cubo às rodas do universo,
e digo a qualquer homem ou mulher:
- Deixai que vossas almas se levantem tranquilas e bem postas
ante um milhão de universos.
E digo à humanidade:
- Não sejas curiosa sobre Deus,
pois eu que sou curioso sobre todas as coisas de Deus
não sou curioso.

(Não há palavras que logrem dizer quanto me sinto em paz perante Deus e a morte.)

Escuto e vejo Deus em todos os objetos, embora não entenda Deus nem um pouquinho, assim como não entendo que possa alguém ser mais maravilhoso do que eu.

Por que deveria eu querer ver Deus melhor do que neste dia? Eu vejo algo de Deus a cada uma das vinte e quatro horas, e a cada momento delas, nos rostos dos homens e das mulheres eu vejo Deus, e no meu próprio rosto pelo espelho, acho cartas de Deus caídas pela rua e todas assinadas com o nome de Deus, e as deixo onde elas estão, pois sei que aonde quer que eu vá outras hão de chegar pontualmente sempre e por todo o sempre.

O malhado gavião cai sobre mim e me acusa, sente-se mal com a minha conversa e o meu andar à toa. Também não sou nem um pouquinho acomodado, e também sou difícil de entender, faço soar meu bárbaro dialeto sobre os telhados do mundo. o último passo do dia demora por minha causa, puxa a imagem de mim depois que para e é fiel como todas nas sombras desfiguradas, vai-me levando para o vapor e a treva. Eu parto que nem ar, sacudo os cabelos brancos ao sol que está indo embora, derramo minha carne em remoinhos e a deixo flutuando em pontas rendilhadas. Eu me planto no chão para crescer com a relva que eu amo, se de novo me quiserdes buscai-me embaixo das solas dos vossos sapatos.

Difícilmente sabereis quem sou ou o que significo, mas apesar de tudo para vós serei boa saúde purificando e dando fibra ao vosso sangue. Deixando de encontrar-me ao primeiro momento,

conservai a coragem:
perdendo-me em um lugar, ide procurar-me em outro;
em algum ponto eu hei de estar parado a esperar por vós.

Canto da Estrada Aberta

A pé e de coração leve eu enveredo pela estrada aberta,
saudável, livre, o mundo à minha frente,
o longo atalho pardo à minha frente para levar-me
aonde eu queira.

Daqui em diante não peço mais boa-sorte, boa-sorte
sou eu mesmo.

Daqui em diante eu não lamento mais, eu não adio mais,
Não careço de nada;

acabei com as queixas portas adentro, bibliotecas,
críticas rixentas;

forte e contente vou eu pela estrada aberta.

A terra é quanto basta:

não quero as constelações nem um pouco mais próximas,
sei que estão muito bem onde se encontram
e sei que bastam para os que a elas pertencem.

(Ainda aqui eu carrego minhas antigas cargas de delícias;
carrego - mulheres e homens - carrego-os comigo
para onde eu vá,

juro que para mim é impossível livrar-me deles,
deles estou recheado e em troca eu os recheio.)

A terra a se expandir à direita e à esquerda,
pintura viva, cada ponto com sua luz melhor,
a música descendo onde faz falta e em silêncio
onde sua falta não se sente,

a álaçre voz da estrada pública, a alegre e fresca sensação

da estrada.

Ó estrada que viajo, a mim dizes: - Não me deixes?

Dizes: - Não te aventuras, se me abandonas estás perdido!

Dizes: - Já estou preparada, sou bem batida
e refugada nunca, cinge-te a mim?

Ó estrada pública, eu respondo que não receio deixar-te,
embora goste de ti,

tu me expressas melhor do que me expresso eu mesmo,
hás de ser para mim mais do que meu poema.

Penso que feitos heróicos foram concebidos todos
a céu aberto,

também os poemas livres,

penso que aqui eu poderia parar e fazer milagres,

penso que eu hei de gostar de tudo que ache na estrada,

e quem quer que me observe há de gostar de mim,

e penso que se sentirá feliz toda pessoa que eu veja.

Allons! Quem quer que seja, vinde viajar comigo!

Em viagem comigo encontrarei o que não cansa nunca.

A terra não cansa nunca,

a terra é rude, quieta, a princípio incompreensível,

a Natureza é rude e a princípio incompreensível,

não percais a coragem, continuai, existem coisas divinas
bem escondidas,

eu vos juro que existem coisas divinas mais belas

do que possam as palavras dizer.

Allons! Não devemos parar aqui,

por mais doces que sejam estas coisas arrumadas,

por mais conveniente que a habitação pareça,

não podemos permanecer aqui;

por mais abrigado que seja o porto e por mais calmas as águas,

aqui nós não devemos ancorar;

por mais acolhedora que seja a hospitalidade à nossa volta,

não nos é permitido desfrutá-la senão por bem pouco tempo.

Ouvi-me! Serei honesto convosco:
não ofereço os macios prêmios de sempre, mas ofereço
ásperos prêmios novos.

Assim hão de ser os dias que vos devem suceder:
não acumulareis as chamadas riquezas,
distribuireis com mãos pródigas tudo o que adquirirdes
ou ganharedes,
mal chegarei à cidade à qual vos encaminháveis,
dificilmente vos estabereis visando satisfação
antes de vos sentirdes convocados
por um irresistível chamamento à partida,
deveis habituar-vos aos sorrisos irônicos e às zombarias
daqueles que deixardes para trás,
aos acenos de amor que receberdes apenas respondereis
com apaixonados beijos de despedida,
não consentireis o abraço daqueles
que vierem com mãos ávidas em vossa direção.

Canto da Terra Girando

Sejais quem fordes! movimento e reflexo fazem-se
especialmente para vós,
por vós o barco divino singra o divino oceano.
Sejais quem fôrdes! sais aquêle ou aquela quem a terra é
sólida e líquida,
sais aquêle ou aquela para quem pendem no céu o sol e a lua,
pois ninguém mais do que vós é o presente e o passado,
ninguém mais do que vós é a imortalidade.
Cada homem para si e cada mulher para si
é a palavra do passado e presente, a autêntica palavra
da imortalidade;
ninguém pode ganhar por outrem - nenhum;

nenhum pode crescer por outro - ninguém.
O canto é do cantor e a êle retoma mais,
o ensino é do professor e a êle retoma mais,
o assassinio é do assassino e a êle retoma mais,
o roubo é do ladrão e a êle retoma mais,
o amor é do amante e a êle retoma mais,
a oração é do orador, a encenação é do ator e da atriz e
não do público,
e nenhum ser humano compreende grandeza ou bondade
alguma senão a -própria, ou indicação da própria.

Juro que a terra será seguramente completa para aquela ou
aquêle que fôr completo,
a terra continua partida e rôta só para aquela ou aquêle que
continua partido e roto.
Juro não existir grandeza ou fôrça que não incite as da terra,
não pode haver teoria de algum valor a não ser que corrobore
a teoria da terra,
nem canto, religião ou política, procedimento ou o que seja,
terá valor a menos que se compare com a amplitude
da terra,
a menos que defronte a exatidão, vitalidade, imparcialidade,
a retidão da terra:
Juro que principio a ver amor com espasmos mais doces do
que aquêle que retribui amor:
é aquêle que se contém, que nunca convida e nunca recusa.
Juro que pouco ou nada começo a ver nas palavras audíveis,
tudo se mescla visando à apresentação dos inauditos sentidos
da terra,
visando àquele que canta os cantos do corpo e das verdades
da terra,
visando àquele que faz dicionários das palavras que a tinta não
consegue pegar.
Juro que vejo o que é melhor do que dizer o melhor:
é deixar sempre o melhor por dizer.
Quando me empenho em dizer o melhor descubro que não
posso,

é ineficaz minha língua em seus fulcros,
meu alento não quer obedecer aos órgãos competentes,
torno-me um homem mudo.
o melhor sôbre a terra não pode ser dito de modo algum, tudo
ou algo é melhor,
não é o que havíeis previsto, é mais barato, mais fácil,
mais perto,
não são alijadas coisas dos lugares que antes ocupavam,
a terra é exatamente tão positiva e direta quanto era antes,
fatos, religiões, benfeitorias, políticas, negócios, tão reais como
dantes,
mas a alma é também real, ela é também positiva e direta, .
nenhum raciocínio, nenhum experimento a instituiu,
crescimento inegável foi o que a instituiu.
Bstes para ecoarem os tons das almas e as frases das almas.
(Se não ecoassem frases das almas, que seriam então?
S6 não tivessem relação convosco em especial, que seriam
então?)
Juro que daqui em diante nada terei a ver com a fé que ensina
o melhor,
terei sômentecom a fé que deixa o melhor por dizer.
Continuai falando, faladores! Cantai, cantores!
Escavai! Modelai! Amontoai as palavras da terra!
Trabalhai mais, idade sôbre idade, nada é para perder-se,
pode ter de esperar muito mas entrará certamente em vigor;
quando estiverem todos os materiais arranjados e prontos, os
arquitetos aparecerão.
Juro-vos que os arquitetos aparecerão sem falta,
juro-vos que êles vos compreenderão e justificarão,
o maior será entre êles aquêle que melhor vos conhece
e contém todos e é fiel a todos,
êle e os demais não vos esquecerão,
perceberão que não sois nem uma vírgula menos do
que eles,
vós sereis plenamente glorificados neles.

Canto do Respondedor

As talhas e as indicações do tempo,
sanidade perfeita mostra o mestre entre os filósofos,
o tempo, sempre sem quebra, indica-se por partes,
o que sempre indica o poeta é a agradável companhia
dos cantores e suas palavras, em multidão:
as palavras dos cantores são as horas ou minutos da luz
ou sombra, mas as palavras do fazedor de poemas
são luz e sombra gerais,
o fazedor de poemas estabelece justiça, verdade,
imortalidade, sua perspicácia e força envolvem as coisas
e a espécie humana,
glória e cópia ele é assim das coisas e da espécie humana.
Os cantores não criam, somente o Poeta cria;
cantores são bem-vindos, compreendidos, muitas vezes
aparecem bastantes, mas raro tem sido o dia,
assim como o lugar, de nascimento do fazedor de poemas -
o Respondedor.

(Nem todo século ou lustro de séculos tem contado um dia
desses, com todos os seus nomes.)

Cantores de horas seguidas de séculos podem ter nomes
bem ostensivos, porém o nome de cada um deles
será o de um dos cantores:

o nome de cada um deles será cantor de olho,
cantor de ouvido, cantor de cabeça, cantor de doçura,
cantor de noite, cantor de salão, cantor de amor,
cantor de sorte, ou mais alguma coisa.

Todo este tempo e por todos os tempos esperam as palavras
dos verdadeiros poemas:
as palavras dos verdadeiros poemas não apenas agradam,
os verdadeiros poetas não são acompanhantes da beleza e sim
augustos mestres de beleza.

A grandeza dos filhos está no que transpira da grandeza

Das mães e pais,
as palavras dos verdadeiros poemas são o buquê e o aplauso
final da ciência.

Intuição divina, vista larga, a razão como lei, saúde
E primitivismo do corpo, retraimento,
contentamento, curtimento ao sol, doçura de ar –
eis algumas palavras de poemas.

O marinheiro e o viajante fundamentam o fazedor de poemas
- o Respondedor;

o construtor, o geômetra, o químico, o anatomista, o
frenologista, o artista, todos esses fundamentam
o fazedor de poemas - o Respondedor.

As palavras dos verdadeiros poemas dão-vos mais
do que poemas:

dão-vos com que compor os vossos próprios poemas,
religiões, política, guerra, paz, contos, ensaios, vida cotidiana,
e tudo mais,

dão balanço de castas, cores, raças, credos e sexos;
não procuram beleza, são procurados

- sempre em contacto com eles ou bem próxima deles

Segue a beleza, desejosa, ansiosa, enamorada.

Preparam para a morte, conquanto não sejam o acabamento,
mas antes o começo;

não conduzem ninguém ao termo, dele ou dela,

nem a ficarem contentes e plenos;

a quem levam, levam espaço em fora para observarem

o nascer dos astros, para aprenderem algum dos significados,

a se lançarem com fé absoluta, a atravessarem depressa

os intermináveis círculos e nunca se acomodarem de novo.

Canto do Machado

Músculo e ânimo sempre!

O que dá vigor à vida também dá vigor à morte,
e os mortos avançam tanto quanto avançam os vivos,
e o futuro não é mais duvidoso do que o presente,
pois a aspereza da terra e do homem contêm tanto quanto
a delicadeza da terra e do homem,
e nada aguenta senão as qualidades pessoais.
Que imaginais que aguenta?
Pensais que uma cidade grande aguenta?
Ou um pródigo estado industrial?
Ou uma constituição bem feita?
Ou os navios mais bem construídos?
Ou hotéis de pedra e ferro?
Ou quaisquer obras-primas de engenharia, fortes,
armamentos?
Nada! essas coisas não devem ser cotadas por si mesmas,
preenchem seus lugares, as dançarinas dançam,
para elas tocam músicos,
o espetáculo passa, na certa fica tudo muito bem,
tudo vai bem até um clarão de desafio.

Cidade grande é aquela que tem maiores homens e mulheres;
se forem uma poucas choupanas esfarrapadas, ainda assim
será a cidade maior do mundo.
O lugar onde cresce uma grande cidade não é o local
dos estreitos, trapiches, docas e fábricas, simples depósitos
de produção,
nem o local das infindáveis saudações dos recém-vindos,
ou os desancoradouros de partida,
nem o local dos mais altos e custosos edifícios,
ou lojas vendendo artigos de todo o resto do mundo,
nem o local das melhores bibliotecas e escolas,
nem o local onde corre o dinheiro,
nem o local de habitantes mais numerosos.

Onde fica a cidade com a mais encorpada geração de oradores

e bardos,
onde fica a cidade que é por eles amada e em troca os ama
e compreende,
onde não há monumentos a heróis senão no trivial
dos atos e palavras,
onde está em seu lugar a parcimônia e a prudência
em seu lugar,
onde os homens e as mulheres pensam vagamente em leis,
onde o escravo acaba e acaba o senhor de escravos,
onde a um só tempo se levanta o povo
contra a incontida audácia das pessoas
a quem dera seu voto,
onde homens e mulheres com bravura se manifestam
assim como ao assobio da morte lança o mar
seus vagalhões que varrem sem arrebentação,
onde a autoridade externa entra sempre depois
de ter lugar a autoridade interna,
onde o cidadão é sempre o objetivo e ideal,
e o Presidente, o Governador, o Prefeito,
são funcionários pagos,
onde as crianças se ensinam a serem leis de si mesmas
e a serem dependentes de si mesmas,
onde a equanimidade é ilustrada pelos fatos,
onde as especulações da alma são cercadas de estímulo,
onde andam as mulheres em movimentos públicos nas ruas,
iguais aos homens,
onde elas formam na assembleia popular e têm os seus lugares,
iguais aos homens,
onde fica a cidade dos amigos mais leais.

Vejo o carrasco europeu,
de pé com sua máscara, vestido de vermelho, grossas pernas
e fortes braços nus,
apoiando-se a um pesado machado,
onde fica a cidade da pureza dos sexos,
onde fica a cidade dos mais sadios pais,

onde fica a cidade das mães mais certas de corpo,
aí cresce a grande cidade.

(A quem decapitaste ultimamente, ó carrasco europeu?
De quem é esse sangue sobre ti tão firme e úmido?)

Vejo os claros crepúsculos dos mártires,
dos patíbulos vejo os fantasmas que descem,
fantasmas de mortos aristocratas, damas descoroadas,
ministros afastados, reis depostos,
rivais, traidores, envenenadores, chefezinhos
caídos em desgraça, e os mais.

Vejo os que em qualquer país deram a vida pela boa causa:
escassa é a semente, mas ainda assim a plantação
nunca se acaba.

(Lembraí-vos, ó reis de longe, ó pastores: a plantação
Não se acaba.)

Vejo o sangue removido do machado por completo,
estão igualmente limpos o cabo e a lâmina,
já não vertem o sangue de nobres europeus,
já não cortam pescoços de rainhas.

Vejo o carrasco desaparecer perdendo a utilidade,
vejo o patíbulo deserto e embolorado, já não vejo machado
algum sobre ele,
vejo o potente e amigável emblema de minha própria raça,
a mais nova, a maior raça.

Sua forma aparece,
ela menos guardada do que nunca,
guardada embora mais do que nunca,
os grosseiros e sujos entre os quais ela passa
não conseguem torná-la grosseira e suja,
ela adivinha os pensamentos quando passa, a ela
nada se esconde,
nem por isso ela demonstra menos consideração
e cordialidade,
é a mais bem amada, não faz nenhuma exceção,
não tem motivos para temer e não teme,

maldições, brigas, canções reticentes, expressões obscenas,
são para ela inócuas quando passa, -
ela é calada, bem segura de si mesma,
não chegam a ofendê-la,
aceita-as como as aceitam as leis da Natureza,
forte como ela é,
também ela é uma lei da Natureza - e não há lei mais forte
do que ela.

Canto da Exposição

Fora os assuntos de guerra! Fora com a própria guerra!
Saia de minha vista repugnada para não voltar mais
Aquele espetáculo de cadáveres enegrecidos e mutilados!
Aquele inferno indescritível e coberto de sangue,
bom para tigres selvagens ou lobos de línguas ávidas,
não para homens que pensam:
em vez disso, acelera campanhas industriais
com teus destemidos exércitos, engenharia!
Teus galhardetes, trabalho, à brisa tremulando,
soando teus clarins altos e claros!
Fora o romance antigo!
Fora com as novelas, histórias e peças de cortes estrangeiras!
Fora os versos de amor açucarados em rimas, intrigas,
amor de ociosos!

Eu digo, Musa, que hoje e aqui te trago
todas as ocupações, deveres de longe e perto,
trabalho, trabalho bom e suor, infinito, sem parada,
os antiquíssimos encargos práticos, os interesses,
as alegrias, família, parentesco, marido e mulher,
infância, os confortos da casa, a própria casa
com todos os seus pertences,
os alimentos e sua conservação, nisso a química aplicada,

tudo o que faz o homem e a mulher comuns,
fortes, completos, de bom sangue, perfeitas pessoas
de longa vida,
e ajuda a vida presente a ser de saúde e felicidade,
e vai preparando a alma
para a eterna vida verdadeira por vir,
aptos só para banquetes à noite
com bailarinas deslizando à música tardia,
prazeres contra a saúde, extravagantes dissipações
de uns poucos com perfumes, fogo e vinho,
à luz de coruscantes candelabros!

A vós, sadias irmãs reverentes,
peço a palavra em prol de temas mais sublimes
para os poetas e a arte
que exaltem o presente e o verdadeiro,
que ao homem comum ensinem a glória de seu caminho
e os afazeres diários,
que cantem em canções quanto o exercício
e a química da vida não são nunca para se desprezarem,
seja o trabalho manual para cada um e todos - arar, cavar,
capinar, plantar e enramar a árvore, as frutinhas,
os legumes, as flores - que nisso todo homem veja
que está fazendo alguma coisa de verdade,
toda mulher também,
usar serrote e martelo (corte ao comprido ou atravessado),
cultivar a tendência para a carpintaria, a plástica, a pintura,
trabalhar de alfaiate, costureira, ama, estalajadeiro, carregador,
inventar algo, uma coisa engenhosa, ajudar a lavar, cozinhar,
arrumar, e não considerar desgraça alguma dar uma mão
a si mesmo.

Certa vez passei por uma populosa cidade

Certa vez passei por uma populosa cidade
guardando no meu cérebro impressões para uso futuro,
com suas mostras, sua arquitetura, costumes e tradições,
embora dessa cidade agora eu recorde apenas uma mulher
que encontrei por acaso, que me deteve por amor de mim,
dia a dia e noite por noite juntos estivemos -
tudo mais foi há muito tempo esquecido por mim,
garanto que só me lembro dessa mulher que se prendeu
apaixonadamente a mim,
de novo caminhamos, nos amamos, nos separamos de novo,
de novo ela me pega pela mão, não preciso ir-me embora,
vejo-a bem perto a meu lado com silenciosos lábios tristes
e trêmulos.

“Com teus dons todos, América”

Com teus dons todos, América,
erguendo-te segura, rapidamente avançando,
olhando o mundo por cima,
poder, riqueza e extensão asseguradas a ti –
com essas coisas e similares asseguradas a ti,
que tal se um dom te faltasse (não resolvendo jamais
o decisivo problema do homem):
o dom de mulheres dignas de ti?
Que tal se te faltasse esse dom entre os dons?
A beleza, a saúde, a plenitude, dignas de ti?
As mães dignas de ti?

Como Adão de manhã cedo

Como Adão de manhã cedo,
saindo a caminhar do seu abrigo refeito pelo sono,

vede-me onde eu passar, escutai minha voz, aproximai-vos,
tocai-me, encostai a palma de vossa mão em meu corpo
quando eu passar,
vós não deveis ter medo do meu corpo.

Contigo

Desconhecido, se passando me encontrares
e desejares falar-me,
por que não me hás de falar?
E eu, por que não haveria de falar contigo?

Continuidades

Na realidade nada está perdido, nem pode ser perdido:
nenhuma forma, identidade, nascimento –
nenhum objeto do mundo.
Vida nem força nem coisa alguma visível,
as aparências não devem deter nem a esfera mudada
confundir teu cérebro.
Amplos são o espaço e o tempo, amplos os campos da Natureza.
O corpo lerdo, envelhecido, frio - brasas restantes
de antigos fogos,
luz esmaecida nos olhos - há de outra vez flamejar como deve;
o sol agora baixo no ocidente levanta-se em manhãs
e meios-dias contínuos;
aos canteiros gelados retoma sempre
o invisível código da primavera
com relva e flores, grãos e frutos de verão.

Das Pessoas que Atingem Posições Elevadas

Das pessoas que atingem posições elevadas,
cerimônias, riqueza, erudição, e similares:
para mim tudo isso a que chegam tais pessoas
afunda diante delas — a não ser quando acrescenta
um resultado qualquer para seus corpos e almas —
de modo que elas muitas vezes me parecem
desajeitadas e nuas, e para mim
uma está sempre zombando das outras
e a zombar dele mesmo ou dela mesma,
e o cerne da vida de cada qual
(a que se dá o nome de felicidade)
está cheio de pútrido excremento de larvas,
e para mim muitas vezes esses homens e mulheres
passam sem testemunhar as verdades da vida
e andam correndo atrás de coisas falsas,
e para mim são muitas vezes pessoas
que pautam as suas vidas por um hábito
que a elas foi imposto, e nada mais,
e para mim é gente triste muitas vezes,
gente afobada, estremunhados sonâmbulos
tateando no escuro.

Desdobrado das Dobras

Desdobrado das dobras da mulher o homem se desdobra,
e sempre está para se desdobrar:
desdobrado da mulher mais soberba da terra
está por chegar o homem mais soberbo da terra,
desdobrado da mais amigável mulher está para chegar
o homem mais amigável,
só desdobrado do corpo perfeito de uma mulher
pode fazer-se um homem perfeito de corpo,
só desdobrados dos inimitáveis poemas da mulher
podem criar-se os poemas do homem

(só daí vêm meus poemas),
desdobrado da arrogante e forte mulher que eu amo,
só daí pode vir o homem forte e arrogante que eu amo,
desdobrados pelos abraços vigorosos da mulher firme
que eu amo,
só daí vêm os abraços vigorosos do homem,
desdobradas das dobras do cérebro da mulher procedem
todas as dobras do cérebro do homem,
seguindo obedientemente,
a desdobrar-se da justiça da mulher
toda a justiça do homem se desdobra,
desdobrada da simpatia da mulher é toda simpatia;
grande coisa é um homem sobre a terra e pela eternidade,
mas cada vírgula da grandeza do homem vem das dobras
da mulher;
primeiro o homem toma forma na mulher,
depois então pode tomar forma em si mesmo.

Deuses

Divino amante e perfeito camarada,
contente à espera, invisível embora, mas certo,
sê tu meu Deus.

Tu, tu - o Homem Ideal,
belo, capaz, cordial, contente e amável,
completo de corpo e largo de espírito,
sê tu meu Deus.

Õ Morte (pois a Vida já serviu a seu tempo),
porteiro e mestre-sala da mansão celestial,
sê tu meu Deus.

Algo de mais poderoso melhor eu vejo, concebo, conheço
(para romper o nó da estagnação - tu, libertando-te, ó alma):
sê tu meu Deus.

Tôdas as grandes ideias, as aspirações dos povos,
os heroísmos todos, gestos de arrebatado entusiasmo,

sede meus Deuses.
Ou Tempo e Espaço,
ou figura da Terra divina e maravilhosa,
ou qualquer figura alegre que eu avistando adore,
ou orbe luminoso de solou estrêla à noite,
sede meus Deuses.

Do Inquieto Oceano da Multidão

Do inquieto oceano da multidão
veio a mim uma gota gentilmente suspirando:

— Eu te amo, há longo tempo
fiz uma extensa caminhada apenas
para te olhar, tocar-te,
pois não podia morrer
sem te olhar uma vez antes,
com o meu temor de perder-te depois.

— Agora nos encontramos e olhamos, estamos salvos,
retorna em paz ao oceano, meu amor,
também sou parte do oceano, meu amor,
não estamos assim tão separados,
olha a imensa curvatura,
a coesão de tudo tão perfeito!
Quanto a mim e a ti,
separa-nos o mar irresistível
levando-nos algum tempo afastados,
embora não possa afastar-nos sempre:
não fiques impaciente — um breve espaço
e fica certa de que eu saúdo o ar,
a terra e o oceano,
todos os dias ao pôr-do-sol
por tua amada causa, meu amor.

Em Luisiana eu vi um carvalho crescendo

Em Luisiana eu vi um carvalho crescendo,
erguia-se inteiramente sozinho e o musgo pendurava-se
em seus galhos,
sem companheiro algum ali cresceu estendendo alegres folhas
de um verde escuro,
e seu aspecto, rude, inflexível, sadio, fez-me pensar
em mim mesmo,
mas espantei-me de como podia ele estender folhas alegres
ali sozinho em pé sem um amigo perto,
pois sei que eu não poderia,
e arranquei um raminho com certo número de folhas agarradas
e enrolei nele um punhado de musgo
e o trouxe e o coloquei à vista no meu quarto,
não é preciso lembrar-me de mim nem de meus amigos caros
(pois creio que ultimamente em pouco mais eu penso senão
neles),
mas ficou sendo para mim um curioso símbolo
fazendo-me pensar no amor humano;
por isso tudo, ainda que aquele carvalho fulgure
lá em Luisiana solitário num lugar plano e largo,
estendendo alegres folhas a vida inteira
sem ter a seu lado um amigo, ou amante,
bem sei que eu não poderia.

“Em meio à multidão”

Em meio à multidão de homens e mulheres
percebo alguém a chamar-me através de sinais secretos e
divinos,
ninguém mais reconhecendo, pai, espôsa ou espôso, irmão ou

ninguém mais próximo do que estou;
alguns confundem-se, mas êsse não - êsse alguém me conhece.
Ah amante e igual sem falha,
sabia eu que me havias de descobrir com tão débeis disfarces
e quando te encontrei soube que te descobria pela mesma
coisa em ti.

Enquanto vou por estes majestosos dias

Enquanto vou por estes majestosos dias de paz
(posto que a guerra, a luta sanguinária, acabou nisso, ó Ideal
terrível,
tendo levado a melhor a princípio com glória sobre vastas
divergências,
agora caminhas tu, ainda a tempo talvez para guerras mais
densas,
talvez para engajar-te a tempo ainda em mais árduas contendidas
e perigos,
campanhas e crises mais demoradas, trabalhos além de todos
os outros)
ouço ao redor de mim os sucessos do mundo, política, produção,
prenúncios de coisas reconhecidas, ciência,
o bem provado crescimento das cidades e a difusão dos inventos.
Vejo os navios (ficarão por alguns anos),
as grandes fábricas com seus capatazes e operários,
e capto o endosso de todos e a ele não me oponho.

Mas também eu anuncio coisas sólidas:
ciência, navios, política, cidades, fábricas,
não deixam de ser algo feito em longa procissão,
à música de longínquas trombetas ressoando,
triunfalmente a mover-se, com coisa maior à vista
sustentam realidades, tudo acontecerá conforme deveria.
As minhas realidades, então,

quais outras hão de ser tão reais quanto as minhas?
A liberdade e o exemplo divino, libertação de todos os escravos
sobre a face da terra,
a arrebatada promessa e o êxtase dos videntes, o mundo
espiritual, esses cantos com duração de séculos,
e as visões nossas, visões dos poetas,
os mais sólidos entre todos os anúncios.

És a nova pessoa vinda a mim?

És a nova pessoa vinda a mim?
Toma um aviso, para começar: com certeza
eu sou muito diferente de quanto imaginaste.
Imaginas que em mim acharás teu ideal?
Julgas tão fácil assim eu me tornar teu amante?
Pensas que minha amizade será satisfação imaculada?
Achas que eu seja fiel e mereça confiança?
Tu nada vês além desta fachada, do meu jeito
macio e tolerante?
Julgas estar avançando em bases realmente firmes
na direção de um homem realmente heroico?
Não te passou pela cabeça, ó sonhador,
que tudo pode ser mera ilusão?

Esta é a Forma Fêmea

Esta é a forma fêmea,
dela dos pés à cabeça emana um halo divino,
ela chama com ardente atração irrecusável,
sou absorvido por seu respirar como se não fosse mais
do que um vapor indefeso, tudo fica de lado
a não ser ela e eu,

os livros, a arte, a religião, o tempo, a terra sólida e visível,
e o que do céu se esperava e do inferno se temia,
tudo se acaba,
estranhos filamentos, incontroláveis renovos
aparecem fora dela,
e a ação correspondente também incontrolável,
cabelo, peito, quadris, curvatura de pernas, mãos displicentes
caindo todas difusas, difusas também as minhas,
maré de influxo e influxo de maré, carne de amor inturgescendo
e a doer deliciosamente,
inexauríveis jatos límpidos de amor quentes e enormes,
geléia de amor trêmula, alucinado sopro e sumo delirante,
noite de amor de noivo certa e maciamente laborando
no amanhecer prostrado,
a ondular para o presto e proveitoso dia,
perdida na separação do dia de carne doce e envolvente.
Eis o núcleo - depois vem a criança nascida de mulher,
vem o homem nascido de mulher,
eis o banho de origem, a emergência do pequeno e do grande,
e a saída outra vez.

Não vos vexeis, mulheres: em vosso privilégio tendes fechados
os outros e está a passagem dos outros,
vós sois os portões do corpo e sois os portões da alma.
A fêmea tem todas as qualidades e as tempera,
está no seu lugar e move-se com perfeito equilíbrio,
ela é todas as coisas devidamente veladas,
passiva e ativa ao mesmo tempo,
é para conceber filhas bem como filhos
e filhos bem como filhas.

Assim como eu vejo minha alma refletida na Natureza,
como vejo através de um nevoeiro, Uma de inexprimível
plenitude, sanidade, beleza,
vejo de cabeça baixa e de braços dobrados sobre o peito -

a Fêmea eu vejo.
O macho não é mais nem menos do que a alma,
ele também está no seu lugar,
ele também é todo qualidades, é ação e força,
o fluxo do universo conhecido nele se encontra,
o desdém fica-lhe bem, ficam-lhe bem os apetites e a ousadia,
as mais fundas paixões, o maior entusiasmo
e a tristeza maior, ficam-lhe bem, o orgulho é para ele,
orgulho de homem, elevado ao máximo é calmante
e excelente para a alma,
fica-lhe bem o conhecimento, ele sempre o aprecia,
tudo ele chama à própria experiência,
qualquer que seja o valor, quaisquer que sejam o mar
e o vento, no fim é aqui que ele faz as sondagens.
(Onde mais lança ele a sua sonda, senão aqui?)
Sagrado é o corpo do homem, como é sagrado
o corpo da mulher,
sagrado não importa de quem seja - é o mais humilde numa
turma de trabalhadores?
É um dos imigrantes de face turva apenas desembarcados no
cais?
São todos daqui ou de qualquer parte, da mesma forma
Que os bem colocados da mesma forma que vós,
cada um tem na procissão o lugar dele ou dela.

(E tudo uma procissão,
o universo é uma procissão de movimento medido e perfeito.)
Sabeis tanto de vós mesmos para chamardes ignorante
ao mais humilde?
Julgai-vos com direito a uma boa visão, e ele ou ela
Sem direito a visão alguma?
Imaginais que a matéria se fez coesa do caos em que flutuava,
e o solo veio para a superfície, e as águas correm
e brotam as plantas, para vós só, para ele e ela nada?
Em leilão um corpo de homem
(antes da guerra vou amiúde ao mercado de escravos

e assisto a venda)
e ajudo ao leiloeiro, o descuidado não sabe o seu negócio
nem pela metade.

Senhores olhem esta maravilha,
quaisquer que sejam os lanços dos lançadores
jamais serão bastante altos para isto,
para isto o globo levou quintilhões de anos em preparos
sem animal ou planta,
para isto os ciclos evolutivos desenrolaram-se de fato
e com firmeza.

Esta cabeça o cérebro capaz de tudo,
nela e abaixo dela a argamassa dos herois.
Examinai estas pernas, vermelhas, pretas ou brancas,
trabalhadas em nervos e tendões,
deviam estar abertas para que as pudésseis ver.
Sentidos os mais finos, olhos acesos de vida, energia, vontade,
músculo do peito em flocos, pescoço e espinha flexíveis,
carne não flácida, pernas e braços de justo tamanho,
mais maravilhas lá dentro.
Lá dentro corre o sangue,
mesmo sangue antigo, o mesmo sangue em seu curso
vermelho!

Se alguma coisa é sagrada o corpo humano é sagrado,
e a glória e doçura de um ser humano é o dom
da humanidade incorrompida,
e assim no homem como na mulher um corpo limpo,
forte, de boa fibra, é mais bonito do que o mais bonito rosto.
Ali pulsa e bombeia um coração, ali todas as paixões, desejos,
conquistas, aspirações.
(Imaginais que não estão ali, porque não são exibidas
Em parlatórios e salas de aula?)
Isto não é unicamente um homem, é um pai de outros

que a seu turno serão pais,
nele reside o princípio de populosos estados
e faustosas repúblicas,
ele encerra imortais vidas sem conta
com incontáveis encarnações e deleites.
Como sabeis quem surgirá do rebento do seu rebento
atravessando os séculos?
(De quem vós mesmos descobriríeis que vindes, se pudésseis
seguir o vosso rastro pelos séculos passados?)
Um corpo de mulher posto em leilão:
ela também não é somente ela, é a pródiga mãe de mães,
é a portadora daqueles que hão de crescer e dar parceiros
para as mães.
Alguma vez amastes o corpo de uma mulher?
Alguma vez amastes o corpo de um homem?
Não percebeis que são exatamente os mesmos para todos
Em todas as épocas e nações em toda a terra?
Vistes o doido que estragou seu próprio corpo em vida?
e a doida que estragou seu próprio corpo em vida?
Pois eles não se escondem, nem a si mesmos
podem esconder.

Estão Todas as Verdades à Espera em Todas as Coisas

Estão todas as verdades
à espera em todas as coisas:
não apressam o próprio nascimento
nem a ele se opõem,
não carecem do fórceps do obstetra,
e para mim a menos significativa
é grande como todas.
(Que pode haver de maior ou menor que um toque?)

Sermões e lógicas jamais convencem
o peso da noite cala bem mais

fundo em minha alma.

(Só o que se prova
a qualquer homem ou mulher, é que é;
só o que ninguém pode negar, é que é.)

Um minuto e uma gota de mim
tranquilizam o meu cérebro:
eu acredito que torrões de barro
podem vir a ser lâmpadas e amantes,
que um manual de manuais é a carne
de um homem ou mulher,
e que num ápice ou numa flor
está o sentimento de um pelo outro,
e hão-de ramificar-se ao infinito
a começar daí
até que essa lição venha a ser de todos,
e um e todos nos possam deleitar
e nós a eles.

Eu canto o corpo elétrico

Eu canto o corpo elétrico,
as tropas daqueles a quem eu amo me cincham
como eu os cincho,
não me deixarão livre até que eu vá com eles, responda a eles,
e os descorrompa, e os carregue ao máximo
com o carregamento da alma.

Foi posto em dúvida que os que corrompem
seus próprios corpos segregam a si mesmos?
E se aqueles que profanam os vivos forem tão maus
como os que profanam os mortos?
E se o corpo não fizer plenamente tudo quanto a alma faz?
E se o corpo não for alma, que será a alma?

o amor de um corpo de homem ou de mulher passa da conta,
o corpo mesmo passa da conta,
o do macho é perfeito e o da fêmea é perfeito.
A expressão do rosto passa da conta,
mas o modo de expressar-se de um homem bem acabado
não transparece apenas em seu rosto,
está também nos seus membros e juntas,
reside curiosamente nas juntas dos seus quadris e dos pulsos,
está em seu modo de andar, no porte do seu pescoço,
flexão de tronco e joelhos, não se esconde com a roupa,
a doce qualidade que ele tem salta através do algodão e da lã,
vê-lo passar ensina tanto quanto o melhor poema, talvez mais,
e a gente para a fim de ver-lhe as costas, o pescoço por trás
e o lado do ombro.

O espreguiçar e a plenitude dos bebês, os seios e a cabeça
Da mulher, as dobras do seu vestido, o jeito dela
quando passamos na rua, o contorno das formas para baixo,
o nadador despido na piscina, visto a cruzar o verde
transparente ou deitado de rosto para cima e a rolar
silencioso para cá e para lá na força da água,
a inclinação dos remadores para a frente e para trás
num barco a remo,
o cavaleiro na sela,
moças, mães, donas de casa, em todos os afazeres,
a turma de operários ao meio-dia sentada
com as marmitas abertas,
e as mulheres esperando,
a fêmea dando de mamar a uma criança,
a filha do fazendeiro no jardim ou no curral,
o rapazola capinando milho, o liteireiro guiando
seus seis cavalos no meio da multidão;
a luta dos lutadores, dois meninos aprendizes,
bem crescidos, prazenteiros, de bom íntimo, espontâneos,
saindo com o pessoal de folga ao cair da tarde

depois do trabalho, casaco e boné no chão,
o abraço de afeição e resistência,
golpe de cima e golpe de baixo, cabelo despenteado
tirando a visão dos olhos;
a marcha dos bombeiros nos uniformes próprios,
o jogo de músculos masculinos
através das calças justas e dos cinturões,
a lenta volta do incêndio, a pausa quando a sineta
toma a tocar de repente, e a escuta ao toque de alarma,
as atitudes mais várias, perfeitas, naturais, a cabeça inclinada,
o pescoço dobrado e a contagem;
disso é que eu gosto - e me entrego, passeio com liberdade,
estou no colo da mãe com a criança pequena,
nado com os nadadores, luto com os lutadores,
marcho em forma com os bombeiros, faço pausa, escuto, conto.

Eu conheci um homem, um fazendeiro comum,
pai de cinco filhos, e neles os pais de filhos,
e neles os pais de filhos.
Era um homem de esplêndido vigor, calma, encanto de pessoa,
o formato da cabeça, o branco e o louro pálido de seu cabelo
e barba, a imponderável significação daqueles olhos negros,
sua riqueza e amplitude de maneiras,
isso eu costumava ir visitá-lo para ver, ele era sábio também,
media seis pés de altura, contava mais de oitenta anos de
idade, seus filhos eram maciços, limpos, barbudos, faces
curtidas, simpáticos,
eles e as filhas gostavam dele, todos que o viam gostavam dele,
não gostavam dele por concessão,
gostavam com amor pela pessoa,
ele só bebia água, o sangue mostrando que era escarlate
sob a pele morena clara do rosto,
ele era um caçador e pescador constante,
manobrava seu próprio barco a vela,
possuía um bonito que um barqueiro lhe dera de presente,
tinha armas leves de caça presenteadas por homens
e mulheres que o amavam,

quando saía com seus cinco filhos e muitos netos para caçar
ou pescar, a gente o destacava como o mais belo e forte
do seu grupo,
a gente gostaria de demorar mais e mais perto dele,
a gente gostaria de sentar-se no barco ao lado dele
de modo que ele e a gente pudesse sentir o toque um do outro.

Já tenho percebido que estar com aqueles de quem eu gosto
é quanto basta,
parar em companhia com quem ficar ao cair da tardinha
é quanto basta,
estar cercado de carne bonita, curiosa, que respira e que ri,
é quanto basta;
passar no meio deles ou tocar em algum, pousar meu braço
sempre tão de leve em torno do pescoço dele ou dela
por um momento - então, que será isso?
Eu não peço nenhuma outra delícia, nisso me banho
como num mar.

Existe no estar perto de homens e mulheres,
e no olhar para eles, e no contacto e odor deles,
algo que faz bem à alma;
à alma todas as coisas fazem bem,
mas isso faz um grande bem à alma.

Eu Mesmo

Eu mesmo e meu exercício de sempre:
curtir o frio e calor, acertar a espingarda num bom alvo,
fazer manobras de barco, tratar cavalos, gerar soberbas crianças,
falar clara e prontamente, sentir-me em casa entre gente comum,
e conservar o que é nosso em terríveis posições de terra firme
e do mar.

Não por enfeitador (haverá sempre abundância de enfeitadores,
também lhes dou boas-vindas)
mas pelo teor das coisas e pelos homens e mulheres inerentes.
Não cinzelar ornamentos,
mas cinzelar à mão livre as cabeças e pernas de abundantes
deuses supremos a fim de que estes Estados
possam imaginá-los caminhando e falando.

Deixem que eu trace o meu próprio caminho;
que outros promulguem leis, das leis não tomarei conhecimento;
que exaltem outros homens eminentes e promovam a paz,
eu promovo conflito e agitação;
eu não exalto nenhum homem eminente, reprovado na cara dele
a que foi dada por mais valiosa.

Quem és? E de que te sentes secretamente culpado
por toda a vida?
Vais virar para o lado toda a vida?
Vais rastejar e palrar toda a vida?
E tu quem és, tagarelado por vício, anos, páginas, línguas,
reminiscência, inconsciente agora de que não sabes
dizer adequadamente uma única palavra?)
Que outros acabem espécimes, eu jamais acabo espécime,
início-os por leis inexauríveis como a Natureza faz,
seguidamente novos e modernos.

Nada faço por dever,
o que outros fazem por dever faço por impulso de vida.
(Faria eu por dever os gestos do coração?)
Que outros formulem questões, eu não formulo nada,
eu suscito questões irrespondíveis:
Quem serão esses a quem vejo e toco? Que há com eles?
Que há com esses semelhantes de mim mesmo
que de tão perto me atraem por temas direções

e faltas de direção?
Concito o mundo a desconfiar do que contam meus amigos
e a ouvir meus inimigos, como eu faço;
eu vos conclamo a refugardes sempre aqueles que pretendem
explicar-me, quando eu próprio não me sei explicar;
eu vos confio que não haja teoria ou escola
fundada sobre mim,
eu vos confio deixardes a todos livres, que a todos livres
eu tenho deixado.

Comigo, vista!
Ah estou vendo que a vida não é curta, mas imensamente longa;
daqui em diante piso o mundo casto, sóbrio, madrugador,
firme no seu cultivo,
cada hora o sêmen de séculos, calma de séculos.
Tenho de acompanhar essas contínuas lições do ar, da água,
da terra, percebo que não tenho tempo algum a perder.

Hoje calados fiquem os acampamentos

Hoje calados fiquem os acampamentos,
e nós soldados enrolemos nossas armas afeitas à batalha,
e cada qual se retire com a alma ponderada
a celebrar a morte do nosso querido comandante.
Para ele não mais os tormentos conflitos da vida,
vitória nem derrota - não mais sombrios incidentes temporais
correndo como nuvens incessantes a cruzarem o céu.
Mas que o poeta cante em nosso nome,
cante o amor que tínhamos ao chefe –
pois vós, que habitais nos acampamentos,
de verdade o sabeis.
Enquanto longe levam o caixão,
cante - ao fecharem sôbre ele os portões da terra - um verso,
o peso que vai no coração dos soldados.

Sou o poeta do corpo e da alma

Sou o poeta do corpo,
E sou o poeta da alma.

Os prazeres do céu estão comigo, os pesares do
inferno estão comigo,
Aqueles, enxerto e faço crescer em mim mesmo
...estes, traduzo numa nova língua.

Sou o poeta da mulher tanto quanto do homem,
E digo que é tão bom ser mulher quanto ser homem,
E digo que não há nada maior que a mãe dos homens.

Vadio de uma jornada perpétua

Vadio de uma jornada perpétua,
Meus sinais são uma capa de chuva e sapatos
confortáveis e um cajado arrancado do mato;
Nenhum amigo fica confortável em minha cadeira,
Não tenho cátedra, igreja, nem filosofia;
Não conduzo ninguém à mesa de jantar
ou à biblioteca ou à bolsa de valores,
Mas conduzo a uma colina cada homem e mulher
entre vocês,
Minha mão esquerda enlaça sua cintura,
Minha mão direita aponta paisagens de continentes,
e a estrada pública.

Nem eu nem ninguém vai percorrer essa estrada
pra você,
Você tem que percorrê-la sozinho.

Não é tão longe assim... está ao seu alcance,
Talvez você tenha andado nela a vida toda
e não sabia,
Talvez a estrada esteja em toda parte sobre a água
e sobre a terra.

Pegue sua bagagem, eu pego a minha, vamos em frente;
Toparemos com cidades maravilhosas e nações
livres no caminho.

Se você se cansar, entrega os fardos, descansa a mão macia
em meu quadril,
E quando for a hora você fará o mesmo por mim;
Pois depois de partir não vamos mais parar.

Iniciadores

Como são eles colocados sobre a terra
(aparecendo a intervalos),
como são caros e terríveis para a terra,
como eles se habituam a si mesmos
assim como aos demais –
que paradoxo parece o tempo deles,
como as pessoas respondem a eles,
ainda que não os conheçam,
como algo de intransigente existe na sorte deles
em todos os tempos,
como todos os tempos escolhem mal
os objetos de sua adulação e recompensa,
e como o mesmo inexorável preço
ainda precisa ser pago
pela mesma grandeza encomendada.

Juventude não é o que me Pertence

Juventude não é o que me pertence,
delicadeza tampouco, não tenho tempo a gastar em conversa,
sem jeito no salão, nem elegante nem dançarino,
na roda dos eruditos sento-me constrangido e silencioso,
porque a erudição não se dá bem comigo,
sapiência e formosura não se dão bem comigo
- embora existam duas ou três coisas
com as quais me dou bem:
tenho dado de comer aos feridos e apaziguado
muito soldado morrendo,
e à espera nos intervalos ou em plena campanha
tenho composto estes cantos.

Lições mais Árduas

Aprendestes lições unicamente dos que vos admiravam
e eram cordiais convosco e por vós colocavam-se de lado?
Não aprendestes as lições maiores
daqueles que vos rejeitam
e se juntam contra vós e vos tratam com desdém
e convosco disputam a passagem?

Longe, Bem Longe

Depois de longo, longo percurso, centenas de anos,
recusas, acúmulos, alegria e amor
e pensamento despertados,
esperanças, desejos, ponderações, aspirações,
vitórias, miríades de leitores,

empoeirando, circulando, influenciando –
depois de incrustações de tempos e mais tempos,
só então estes cantos poderão alcançar pleno proveito.

Máquina Alguma de Poupar Trabalho

Máquina alguma de poupar trabalho
eu fiz, nada inventei,
nem sou capaz de deixar para trás
nenhum rico donativo
para fundar um hospital ou uma biblioteca,
reminiscência alguma
de um ato de bravura pela América,
nenhum sucesso literário ou intelectual,
nem mesmo um livro bom para as estantes
— apenas uns poucos cantos
vibrando no ar eu deixo
aos camaradas e amantes.

Meu Legado

O homem de negócios que mais coisas adquire,
depois de anos assíduos dando balanço nos resultados,
ao preparar-se para a despedida
destina casas e terrenos a seus filhos, transfere estoques e
mercadorias, fundos para uma escola ou hospital,
deixa dinheiro para alguns colegas comprarem recordações,
reliquias de ouro e pedras preciosas.
Mas eu, dando um balanço em minha vida, para encerrar,
sem coisa alguma a exhibir para a partilha de meus anos ociosos,
nem casas nem terrenos, nem reliquias em ouro e pedras
preciosas para doar aos amigos,
apesar de certas lembranças da guerra por vós e depois de vós

e poucas recordações de campanhas e soldados, com todo o meu amor
reúno e deixo este feixe de cantos.

Momentos ao Natural

Momentos ao natural - quando vindes sobre mim: ah, agora estais aí,
agora dai-me alegrias libidinosas somente,
dai-me o alagado de minhas paixões, dai-me vida bruta e lúbrica,
eu hoje vou desposar as noivas da Natureza, hoje à noite também,
eu estou com *aqueles que acreditam em prazeres largados*,
eu compartilho as orgias de meia-noite dos moços,
danço com os dançarinos e bebo com os beberrões,
ecos trilam com nossos indecentes chamados, apanho um sujeito baixo para meu *mais caro* amigo,
há de ser fora da lei, analfabeto, bronco, bá de ser um dos *condenados pelos outros por ações praticadas*,
não vou mais representar, por que haveria eu de me exilar entre meus companheiros?
Ó pessoas enjeitadas, eu pelo menos não vos enjeito:
venho correndo para o vosso meio, serei vosso poeta,
serei mais para vós do que para qualquer um dos restantes.

Milagres

Ora, quem acha um milagre alguma coisa demais?
Por mim, de nada sei que não sejam milagres:
ou ande eu pelas ruas de Manhattan,
ou erga a vista sobre os telhados

na direção do céu,
ou pise com os pés descalços
bem na franja das águas pela praia,
ou fale durante o dia com uma pessoa a quem amo,
ou vá de noite para a cama com uma pessoa a quem amo,
ou à mesa tome assento para jantar com os outros,
ou olhe os desconhecidos na carruagem
de frente para mim,
ou siga as abelhas atarefadas
junto à colméia antes do meio-dia de verão
ou animais pastando na campina
ou passarinhos ou a maravilha dos insetos no ar,
ou a maravilha de um pôr-do-sol
ou as estrelas cintilando tão quietas e brilhantes,
ou o estranho contorno delicado e leve
da lua nova na primavera,
essas e outras coisas, uma e todas
--- para mim são milagres,
umas ligadas às outras
ainda que cada uma bem distinta
e em seu próprio lugar.

Cada momento de luz ou de treva
é para mim um milagre,
milagre cada polegada cúbica de espaço,
cada metro quadrado da superfície da terra
por milagre se estende, cada pé
do interior está apinhado de milagres.

O mar é para mim um milagre sem fim:
os peixes nadando, as pedras,
o movimento das ondas,
os navios que vão com homens dentro
--- existirão milagres mais estranhos?

Não fecheis vossas portas para mim

Não fecheis vossas portas para mim, livrarias soberbas,
pois o que estava faltando em vossas prateleiras bem sortidas,
apesar da necessidade ingente, eu trago,
mal acabando de sair da guerra, um livro que escrevi,
nada pelas palavras do meu livro,
por seus propósitos tudo,
um livro bem diferente,
que não é ligado ao resto nem percebido elo intelecto,
mas vós, em vossas caladas latências,
tremereis a cada página.

Neste momento terno e pensativo

Neste momento terno e pensativo sentado a sós,
sinto que há em outras terras outros homens temos e
pensativos,
sinto que posso dar um olhada por cima e vê-los na Alemanha,
Itália, França, Espanha,
ou longe, muito longe, na China, Rússia ou Japão, falando
dialetos outros,
e sinto que se pudesse conhecer êsses homens poderia eu ficar
ligado a êles como faço com homens de minha própria terra,
ah sei que poderíamos ser irmãos ou amantes,
sei que estaria feliz com êles.

O Blablá das Ruas

O blablá das ruas... rodas de carros e o baque das botas
e papos dos pedestres,
O ônibus pesado, o cobrador de polegar interrogativo,

o tinir das ferraduras dos cavalos no chão de granito.
O carnaval de trenós, o retinir de piadas
berradas e guerras de bolas de neve;
Os gritos de urra aos preferidos do povo...
o tumulto da multidão furiosa,
O ruflar das cortinas da liteira —
dentro um doente a caminho do hospital,
O confronto de inimigos, súbito insulto, socos e quedas,
A multidão excitada — o policial e sua estrela
apressado forçando passagem até o centro da multidão;
As pedras impassíveis levando e devolvendo tantos ecos,
As almas se movendo... será que são invisíveis
enquanto o mínimo átomo é visível ?
Que gemidos de glutões ou famintos que esmorecem
e desmaiam de insolação ou de surtos,
Que gritos de grávidas pegas de surpresa,
correndo pra casa pra parir,
Que fala sepulta e viva vibra sempre aqui...
quantos uivos reprimidos pelo decoro,
Prisões de criminosos, truques, propostas indecentes,
consentimentos, rejeições de lábios convexos,
Estou atento a tudo e as suas ressonâncias...
estou sempre chegando.

Oh capitão! Meu capitão!

Oh capitão! Meu capitão! nossa viagem medonha terminou;
O barco venceu todas as tormentas,
[o prêmio que perseguimos foi ganho;
O porto está próximo, ouço os sinos, o povo todo exulta,
Enquanto seguem com o olhar a quilha firme,
[o barco raivoso e audaz:

Mas oh coração! coração! coração!
Oh gotas sangrentas de vermelho,
No tombadilho onde jaz meu capitão,
Caído, frio, morto.

Oh capitão! Meu capitão! erga-se e ouça os sinos;
Levante-se – por você a bandeira dança – por
[você tocam os clarins;
Por você buquês e fitas em grinaldas -
[por você a multidão na praia;
Por você eles clamam, a reverente multidão
[de faces ansiosas:

Aqui capitão! pai querido!
Este braço sob sua cabeça;
É algum sonho que no tombadilho
Você esteja caído, frio e morto

Meu capitão não responde, seus lábios
[estão pálidos e silenciosos
Meu pai não sente meu braço, ele não
[tem pulsação ou vontade;
O barco está ancorado com segurança
[e inteiro, sua viagem finda, acabada;
De uma horrível travessia o vitorioso barco
[retorna com o almejado prêmio:

Exulta, oh praia, e toquem, oh sinos!
Mas eu com passos desolados,
Ando pelo tombadilho onde jaz meu capitão,
[caído, frio, morto.

O Corneteiro Místico

Toca de novo, ó corneteiro! e toma como tema
agora o tema que a todos encerra, o que dissolve
e o que firma, o amor - que é o pulso de todos,
sustento e dor, o coração da mulher e do homem
feito para o amor:

tema nenhum além do amor - ajuntando, tecendo,
amor que tudo enlaça, une, irradia.

E como em torno a mim agrupam-se os fantasmas imortais!

Vejo o imenso alambique funcionando sempre,
vejo e conheço as chamas que dão calor ao mundo,
a incandescência, o abrasamento, os palpitantes corações
amando, tão santamente felizes alguns,
e alguns tão silenciosos, sombrios, beirando a morte,
o amor que é o mundo todo para os amantes,
o amor que zomba de tempo e espaço,
amor que é dia e noite, o amor que é o sol e as estrelas
e a lua,

amor que é carmesim, suntuoso, que é doído de perfume,
uma outra palavra que não seja uma palavra de amor,
nenhum outro pensamento senão de amor.

Faz de conta, ó corneteiro, que sou eu próprio
o instrumento que tocas,

fundes-me o cérebro, o coração - deslocas, puxas,
mudas à vontade;

e agora tuas notas ressentidas lançam a escuridão
dentro de mim,

recolhes tudo quanto é luz alegre, toda esperança,
vejo os escravizados, despojados, feridos,
oprimidos de toda a terra,

vejo a vergonha e a humilhação desmesurada de minha raça,
passam a ser inteiramente minhas,

minhas também as vinganças da espécie humana,
os erros das idades, feudos e ódios frustrados,
pesa em mim a derrota decisiva - tudo perdido,

vencedor o inimigo.

(Embora em meio às ruínas o colossal Orgulho
erga-se inabalado até o firo,
resolução e resistência até o fim.)

Ouvindo meu nome sussurrado...

Quando ouvi, pelo fim do dia, como o meu nome
havia sido recebido com aplausos no Capitólio,
ainda assim não foi feliz para mim, a noite que se seguiu;
E, quando festejei, ou, quando os meus planos foram atingidos,
assim mesmo não me senti feliz;
Mas, no dia em que cedo me levantei, de perfeita saúde,
renovado, cantando, inalando o maduro fôlego outonal,
Quando vi a lua cheia, a oeste, ficando pálida e a desaparecer
na luz da manhã,
Quando vagueei sozinho sobre a praia e, despindo-me,
me banhei, rindo com as águas frias,
e vi o sol nascer,
E quando pensei em como o meu querido amigo,
o meu amante, estava a caminho,
Oh, então senti-me feliz;
Então, cada fôlego me foi mais doce
– e todo o dia, meu alimento me nutriu mais –
e o belo dia passou bem,
E o seguinte chegou com igual alegria – e com o próximo,
pelo fim da tarde, chegou o meu amigo;
Naquela noite, quanto tudo estava calmo, ouvi as águas rolar
continuamente, lentas sobre as margens,
Ouvi o assobio sussurrado do líquido e das areias,
como que dirigindo-se a mim, cochichando, felicitando-me,
Porque aquele que amo dormia comigo sob a mesma cobertura
na noite fria,
No sossego, nos outonais raios de luar, seu rosto inclinado

sobre mim,
Seu braço em redor do meu peito, suavemente –
e naquela noite fui feliz.

O hímen! O himeneu!

O hímen! O himeneu!

Por que, me atormentas assim?

Por que, me provocas só durante um breve momento?

Por que é que não continuas?

Por que, perdes logo a força?

Será porque, se durasses além do breve momento,
logo me matarias com certeza?

O Macho

O macho não é menos a alma, nem é mais:

ele também está no seu lugar,

ele também é todo qualidades,

é ação e força,

nele se encontra o fluxo do universo conhecido,

fica-lhe bem o desdém,

ficam-lhe bem os apetites e a ousadia,

o maior entusiasmo e as mais profundas paixões

ficam-lhe bem: o orgulho cabe a ele,

orgulho de homem à potência máxima

é calmante e excelente para a alma,

fica-lhe bem o saber e ele o aprecia sempre,

tudo ele chama à experiência própria,

qualquer que seja o terreno,

quaisquer que sejam o mar e o vento,

no fim é aqui que ele faz a sondagem.

(Onde mais lançaria ele a sonda, senão aqui?)

Sagrado é o corpo do homem
como sagrado é o corpo da mulher,
sagrado — não importa de quem seja.
É o mais humilde numa turma de operários?
É um dos imigrantes de face turva
apenas desembarcados no cais?
São todos daqui ou de qualquer parte,
da mesma forma que os bem situados,
da mesma forma que qualquer um de vocês:
cada qual há-de ter na procissão
o lugar dele ou dela.

(Tudo é uma procissão,
todo o universo é uma procissão
em movimento medido e perfeito.)

Saberão vocês tanto, de si mesmos,
que ao mais humilde chamem de ignorante?
Consideram-se com todo direito a uma boa visão
e a ele ou ela sem nenhum direito a uma visão?
Acham então que a matéria se fez coesa
na inconsistência em que flutuava
e que a crosta subiu e se fez chão
e as águas correm e brotam as plantas
para vocês, só — para ele e ela, nada?

O Massacre dos Inocentes

Agora eu conto
O que eu soube no Texas
Em minha juventude
(não vou contar a tomada de Álamo,
não escapou ninguém para contar

a tomada de Álamo,
aqueles cento e cinquenta estão mudos
ainda em Álamo):
esta é a história do assassinato
a sangue frio
de quatrocentos e vinte moços.
Em retirada tomaram formação
De um quadrado vazio
Com as bagagens como parapeitos,
Novecentos as vidas do inimigo
Que agora os sitiava,
Nove vezes o que tinham em número
E o preço foi cobrado adiantado,
O coronel deles fora ferido
E a munição havia terminado,
Negociaram capitulação com honra
Papel timbrado e assinado,
Entregaram as armas e marcharam
Prisioneiros de guerra.
Eram o orgulho da raça dos rangers,
Inigualáveis em montaria
Rifles, canções, repastos, galanteios,
Enormes, turbulentos, generosos,
Amáveis e orgulhosos,
Barbudos, peles tostadas de sol,
Trajados à moda descontraída
Dos caçadores,
Nenhum contava mais de trinta anos.
No segundo Domingo de manhã
Foram levantados em grupo
e massacrados:
era uma linda manhã de verão,
a faina começou aí pelas cinco e meia
e às oito estava tudo terminado.
Nenhum se quis sujeitar
À ordem de ajoelhar,
Alguns tentaram inutilmente correr

Feito uns alucinados,
Alguns ficaram inabaláveis em pé,
Alguns poucos tombaram de uma vez
Com tiros na frente ou no coração,
Os mutilados e desfigurados
ainda cavando o chão,
vivos e mortos estirados juntos
onde eram vistos pelos recém-vindos,
uns meio mortos tentavam sair de rastos
e eram então despachados a golpes de baionetas
ou esmagados a coronhas de espingardas,
um jovem com não mais que dezessete anos
agarrou-se ao algoz
até virem dois outros afrouxá-lo
e ficaram os três todos rasgados
e cobertos do sangue do rapaz.
Às onze em ponto
Começou a incineração dos corpos.
Eis aí a história do assassinato
Dos quatrocentos e vinte homens moços.

O Próprio Ser Eu Canto

O próprio ser eu canto,
uma simples pessoa em separado,
embora diga a palavra Democracia, a expressão Massa.

Canto a fisiologia dos pés à cabeça,
nem a fisionomia só nem o cérebro só
tem valor para a Musa,
digo que a Forma completa é muito mais valiosa,
eu canto a Fêmea igual com o Macho.

A Vida grande de paixão, pulso e potência,
disposta às mais livres ações ditadas pela lei divina,

O Homem Moderno eu canto.

Ouço dizer

Ouço dizer que contra mim foi alegado que eu procurava destruir certas instituições, mas não é verdade eu não sou pró nem contra as instituições. (Que tenho de fato em comum com elas? ou a destruição delas?)

Desejo apenas fundar em Manhattan e em tôdas as cidades dêstes Estados, centrais ou litorâneas, e nos campos e bosques, e em qualquer barco pequeno ou grande que singre as águas, sem edifícios nem regras nem fiadores nem argumentos quaisquer, a formidável instituição do amor entre camaradas.

Pensamentos

Da propriedade — como se alguém apto a possuir coisas não pudesse entrar na posse delas à vontade e incorporá-las, a ele ou a ela; da vista — pressupõe um olhar para trás, atravessando o caos em formação a imaginar a evolução, a plenitude, a vida a que se chega na jornada agora (eu porém vejo a estrada continuando, e a jornada sempre a continuar); do que uma vez faltava sobre a terra e que a seu tempo foi propiciado — e do que ainda está por ser propiciado, pois tudo o que eu vejo e sei

creio ter seu sentido mais profundo
no que ainda está por ser propiciado.

Poetas do Porvir

Poetas do porvir! arautos, músicos, cantores do porvir!
Não é dia de eu me justificar e responder ao que vim,
mas vós, nascidos de novo, continentais, telúricos,
atléticos, maiores do que os conhecidos antes,
erguei-vos! pois deveis justificar-me.

Eu mesmo apenas escrevo uma ou duas palavras
de indicação do futuro,
adianto a roda um momento apenas
e volto às sombras correndo.

Eu sou um homem que, vagando a esmo
sem estacionar de todo,
passa uma vista casual por vós e logo desvia o rosto,
deixando por vossa conta prová-lo e conceituá-lo,
as coisas mais importantes esperando de vós.

Por ti, ò Democracia

Vem, tornarei o continente indissolúvel,
constituirei a raça mais esplêndida que o sol jamais clareou,
farei terras magnéticas divinas,
com o amor de camaradas,
com o duradouro amor de camaradas.
O companheirismo eu plantarei denso como árvores margeando
todos os rios da América,

e ao longo das margens dos grandes lagos e pelos prados todos
farei cidades inseparáveis, umas com os braços nos ombros das
outras pelo amor de camaradas,
o bem humano amor de camaradas.
De mim a ti isto, ó Democracia, para te servir,
A ti, por ti, vou entoando estes cantos.

Quando estava lendo o livro

Quando estava lendo o livro, a biografia famosa:

- Então é isto (dizia eu) o que o autor chama
a vida de um homem?

E assim alguém, quando eu estiver morto e ausente,
irá escrever minha vida?

Como se homem algum soubesse realmente nada
de minha vida,

quando até eu mesmo tantas vezes penso
que bem pouco ou nada sei de minha verdadeira vida,
apenas uns poucos traços, poucas guias
e esparsas variantes procuro para uso próprio
marcando o caminho daqui para fora.

Quem quer que sejais vós

Quem quer que sejais vós agora segurando minha mão,
sem uma coisa será tudo inútil,

dou-vos um leal aviso antes de continuardes me tentando,
não sou o que imagináveis senão muito diferente.

Quem é aquêle que queria tornar-se meu seguidor?

Quem gostaria de alistar-se candidato ao meu afeto?

O caminho é suspeito, incerto o resultado, destrutivo talvez,
teríeis que abrir mão de tudo mais, esperaria só eu ser vosso

padrão único e exclusivo,
vossa iniciação mesmo assim haveria de ser longa e fatigante,
tôda a teoria de vossa vida passada e tôda conformidade com
as vidas em derredor de vós precisariam ser abandonadas,
portanto deixai-me agora antes de perturbar-vos mais ainda,
deixai cair vossa mão de meu ombro,
colocai-me de lado e segui vosso caminho,
Ou então às ocultas em algum bosque, por experiência,
ou atrás de alguma pedra ao ar livre
(pois em qualquer aposento sob um teto de casa não apareço,
nem com gente junta.
e em bibliotecas fico feito um mudo, um esmagado, um
não-nascido ou morto),
mas se possível a sós convosco no alto de uma colina, espiando
primeiro para ver se não se aproxima descuidada pessoa
alguma por muitas milhas em tórno,
ou se possível no mar velejando convosco, ou pela praia do
mar ou nalguma ilha quieta,
aí pousardes vossos lábios sôbre os meus eu vos permito
com o longo beijo pausado do camarada ou o beijo do nôvo
espôso,
pois sou o camarada e o nôvo espôso.
Ou se quiserdes, metendo-me por sob a vossa roupa
onde eu possa sentir o soluçar do vosso coração ou descansar
sôbre vossos quadris,
levar-me quando sairdes por terra ou pelo mar;
pois tocar-vos assim é bastante, é melhor,
e assim ao vosso contacto em silêncio eu dormiria e poderia
ser levado eternamente.
Já decorando estas fôlhas tendes de cor o perigo,
pois a estas fôlhas e a mim não haveis de compreender,
a princípio elas vos escaparão e depois mais ainda, eu
certamente vos escaparei
mesmo quando julgardes ter-me captado indubitavelmente,
vêde!
já vêdes que eu vos escapei.
Pois não é pelo que eu coloquei dentro dêle que escrevi êste

livro,
nem será pela leitura que o haveis de assimilar,
nem aquêles que melhor me conhecem me têm admiração e
nem se ufanam de me apreciar,
nem hão de exhibir-se vitoriosos (exceto alguns no máximo
bem poucos) os candidatos ao meu amor,
nem meus poemas farão sempre bem, farão o mal na mesma
proporção, ou talvez mais,
pois tudo é inútil sem aquilo em que devíeis crer tôdas as
horas e jamais repudiar, aquilo a que eu ia-me referindo;
por isso tudo deixai-me e segui vosso caminho.

Quando Analiso a Conquistada Fama

Quando analiso a conquistada fama dos herois
e as vitórias dos grandes generais,
não sinto inveja desses generais
nem do presidente na presidência
nem do rico na sua vistosa mansão;
mas quando eu ouço falar
do entendimento fraterno entre dois amantes,
de como tudo se passou com eles,
de como juntos passaram a vida
através do perigo, do ódio, sem mudança
por longo e longo tempo atravessando
a juventude e a meia-idade e a velhice
sem titubeios, de como leais
e afeiçãoados se mantiveram
— aí então é que eu me ponho pensativo
e saio de perto à pressa
com a mais amarga inveja.

Saúdo ao Mundo

Leva-me pela mão, Walt Whitman!

Bsse desfile de maravilhas! Essas vistas e sons!

Esses elos unidos sem ter fim, cada qual enganchado no seguinte,

cada um respondendo a todos, cada um com todos partilhando a terra.

Que é que se alarga dentro em ti, Walt Whitman?

Que vagas e que solos porejando?

Que climas? Que pessoas e cidades aqui se encontram?

Quem são essas crianças, brincando algumas, outras dormitando?

Quem são as môças? Quem são as donas casadas?

Quem são os velhos em grupo andando lentos, passando os braços pelos ombros uns dos outros?

Que rios serão êsses? Que florestas e frutas serão essas?

Como se chamam essas montanhas que se elevam tão alto na neblina?

Que são êsses miríades de habitações repletas de habitantes?

Dentro de mim latitudes se alargam, longitudes se estendem.

Asia, Africa, Europa, são para leste; América foi arrumada a oeste.

Cintando a convexidade da terra passa quente o equador; ao norte e ao sul giram curiosamente as pontas do eixo do globo,

dentro de mim vive o dia mais longo, o sol gravita em aros inclinados sem se pôr durante meses,

a se alongar dentro de mim na hora devida o sol da meia-noite mal se levanta acima do horizonte e de nôvo mergulha;

dentro de mim zonas, oceanos, cataratas, florestas, arquipélagos, vulcões;

Malásia, Polinésia, e as grandes ilhas da India Ocidental.

Com simpatia e determinação circulou meu espírito à volta de tôda a terra,

olhei à cata de iguais e amantes, e achei-os preparados para mim em todos os países

creio que alguma relação de ordem divina me identificou

com êles.

E vós, vapôres, penso que subi convosco, removido a distantes continentes, e por algumas razões caí lá;

eu penso que soprei convosco, ó ventos;

vós, águas, convosco tateei tôdas as praias,

passei por tudo que passam quaisquer estreitos ou rios do mundo,

ergui-me sôbre bases de penínsulas

e rochas alicerçadas na altura, para gritar daqui:

Saúdo ao mundo!

Cidades que a luz e o calor penetram, nas mesmas cidades penetro eu;

tôdas as ilhas rumo às quais os pássaros encaminham seu vôo, meu próprio vôo encaminho.

A todos vós, eu, em nome da América,

levanto a mão em perpendicular, faço o sinal

para continuardes seguindo-me sempre à vista

de todos os refúgios e habitações dos homens.

Dentro de mim latitudes se alargam, longitudes se estendem. Ásia, África, Europa, são para leste; América foi arrumada a oeste.

Cintando a convexidade da terra passa quente o equador; ao norte e ao sul giram curiosamente as pontas do eixo do globo,

dentro de mim vive o dia mais longo, o sol gravita em aros inclinados sem se pôr durante meses,

a se alongar dentro de mim na hora devida o sol da meia-noite mal se levanta acima do horizonte e de nôvo mergulha;

dentro de mim zonas, oceanos, cataratas, florestas, arquipélagos, vulcões;

Malásia, Polinésia, e as grandes ilhas da Índia Ocidental.

Com simpatia e determinação circulou meu espírito à volta de tôda a terra,

olhei à cata de iguais e amantes, e achei-os preparados para mim em todos os países

creio que alguma relação de ordem divina me identificou

com êles.

E vós, vapôres, penso que subi convosco, removido a distantes continentes, e por algumas razões caí lá;

eu penso que soprei convosco, ó ventos;

vós, águas, convosco tateei tôdas as praias,

passei por tudo que passam quaisquer estreitos ou rios do mundo,

ergui-me sôbre bases de penínsulas

e rochas alicerçadas na altura, para gritar daqui:

Saúdo ao mundo!

Cidades que a luz e o calor penetram, nas mesmas cidades penetro eu;

tôdas as ilhas rumo às quais os pássaros encaminham seu vôo, meu próprio vôo encaminho.

A todos vós, eu, em nome da América,

levanto a mão em perpendicular, faço o sinal

para continuardes seguindo-me sempre à vista

de todos os refúgios e habitações dos homens.

Pensamentos

Da propriedade - como se alguém apto a possuir coisas não pudesse à vontade entrar na posse de todas e incorporá-las a ele ou ela;

da vista - pressupõe-se uma olhada para trás, imaginando a evolução, a plenitude, a vida só agora atingida na jornada (mas vejo a estrada continuando, e sempre continuando a jornada);

do que uma vez faltava sobre a terra e no devido tempo se propiciou - e do que ainda há de ser propiciado,

pois tudo o que vejo e sei creio ter seu sentido mais profundo no que ainda está por ser propiciado.

Pensamento

Da obediência, da fé, do proselitismo:
enquanto fico de parte e olho, há para mim algo profundamente impressionante nas grandes massas de homens que seguem a liderança daqueles que não fazem fé nos homens.

Pensamento

Da Igualdade - como se me incomodasse dar aos outros as mesmas oportunidades e direitos que tenho, como se para os meus próprios direitos não fôsse indispensável que outros tivessem os mesmos.

Pensamento

Das pessoas que atingem posições elevadas, cerimônias, riqueza, erudição, e similares:
para mim tudo isso que essas pessoas atingem naufraga distante delas, salvo quando acrescenta um resultado a seus corpos e almas, .
de modo que elas muitas vezes me parecem desajeitadas e nuas, e para mim sempre zomba uma das outras e zomba dêle mesmo ou dela mesma,
e o cerne da vida de cada qual - nominalmente a felicidade - está cheio de pútrido excremento de larvas,
e para mim muitas vezes êsses homens e mulheres passam sem testemunhar as verdadeiras coisas da vida, e perseguem coisas falsas,
e para mim muitas vezes são pessoas que vivem pelo costume que lhes foi servido, e nada mais,
e para mim muitas vezes é gente triste, afobada, estremunhados sonâmbulos caminhando no escuro.

Princípios da Criação

Princípios da criação

para possantes artistas .e líderes, para tenras ninhadas de mestres e perfeitos literatos da América,

para nobres cientistas e músicos do porvir.

Tudo precisa estar em relação com o mundo em conjunto e a compacta verdade do mundo,

não haverá matéria pronunciada demais -

tôdas as obras servirão para ilustrar a lei divina dos processos indiretos.

Que imaginais que seja a obra de criação?

Que imaginais que possa satisfazer a alma, senão caminhar livre e não ter superior?

Que imaginais que eu quisesse incutir em vós, de cem maneiras, senão que mulher ou homem é tão bom quanto Deus?

E que não há Deus algum mais divino do que Vós?

E que isso é o que afinal querem dizer todos os mitos mais antigos e os mais novos?

E que vós ou qualquer pessoa deveis buscar as obras de criação através dêsses princípios?

Quando eu deitava a cabeça em teu ombro

Quando eu deitava a cabeça em teu ombro, meu camarada, a confissão que fiz eu reafirmo, o que te disse e ao ar livre eu reafirmo:

sei que sou inquieto e ponho os outros assim,

sei que minhas palavras são armas carregadas de perigo, carregadas de morte,

pois eu enfrento a paz, a segurança, tôdas as leis arraigadas, para as desarraigar,

e sou mais resoluto por todos me terem repudiado do que jamais eu poderia ser se todos me aceitassem, eu não respeito e nunca respeitei experiência, cautelas, maiorias, nem o ridículo, e a ameaça do que se chama inferno pouco ou nada é para mim, e o enleio do que se chama céu pouco ou nada é para mim, meu caro camarada! confesso que te incitei para a frente comigo, e ainda te incito, sem a mínima idéia de qual o nosso destino ou se havemos de ser vitoriosos ou totalmente sufocados e vencidos.

Quem Aprende Minha Lição Completa?

Quem aprende minha lição completa?

Patrão, diarista, aprendiz, igrejeiro ou ateu, o estúpido e o sábio pensador, pais e rebentos, mercador, amanuense, carregador e freguês, editor, autor, artista, colegial - cheguem perto e comecem: não é lição - lança os dados para uma boa lição, e essa para uma outra, cada qual para outra mais. As grandes leis se cumprem e passam sem discussão, e do mesmo estilo eu sou, porque delas sou amigo, amo-as quites e livres, não me detenho fazendo salamaleques. Deito-me absorto e ouço lindas histórias de coisas e razões de ser das coisas, são tão bonitas que me cutuco a escutar.

__-ão sei dizer a qualquer pessoa o que ouço, nem sei dizer a mim mesmo - é muito maravilhoso.

Não é pouco êste globo delicioso e redondo a se mover exatamente em sua órbita de sempre para sempre, sem um tropeço ou o falseio de um mínimo segundo, não penso que êle tenha sido feito em seis dias ou dez milhares de anos ou dez bilhões de anos,

nem planejado e construído uma coisa após outra
tal qual um arquiteto planeja e constrói a casa.
Maravilhoso que eu deva ser imortal? Pois todos são imortais.
Bem sei que é maravilhoso, mas a visão em meus olhos é
igualmente maravilhosa,
e como fui concebido no ventre de minha mãe, é igualmente
maravilhoso,
e como de bebê passei à fase de engatinhamento num par de
verões e invernos até andar e falar - tudo isso é
igualmente maravilhoso.
Não penso que setenta anos sejam o tempo de um homem ou
uma mulher,
nem sejam setenta milhões de anos o tempo de um homem ou
uma mulher,
nem que os anos jamais encerrem a existência minha ou de
qualquer pessoa.
E que minha alma nesta hora vos abrace e nos sintamos
afeiçoados sem termos visto um ao outro jamais, e talvez
nunca nos vejamos um ao outro, ponto por ponto é
igualmente maravilhoso.
E que eu consiga pensar semelhantes pensamentos é também
maravilhoso,
e que eu consiga pensar em vocês, e vocês pensem nêles e os
saibam verdadeiros,
isso também é maravilhoso.
E que a lua grave em tórno à terra e siga com a terra,
é também maravilhoso,
e que se equilibrem ambas com o sol e as estrêlas é igualmente /
maravilhoso.

Reconciliação

Palavra acima de tôdas, bela que nem o céu,
belo que a guerra e todos os seus atos de carnagem devam em
tempo perder-se definitivamente,

que as mãos das duas irmãs Noite e Morte suavemente e sem parar lavem mais uma vez, e sempre mais uma vez, o sujo dêste mundo:

pois meu inimigo é morto, divino como eu é morto um homem, eu olho onde êle está pálido e imóvel no caixão - e chego perto, curvo-me e toco levemente com meus lábios a face descorada no caixão.

Reversais

Que passe para trás quem se encontrava na frente,
que passe para a frente quem estava lá atrás,
que os doidos, apaixonados, sujeitos mal comportados,
encaminhem novas proposições,
que sejam postas de lado as proposições antigas,
que um homem busque o prazer em tôda parte exceto nêle próprio,
que uma mulher busque a felicidade em tôda parte exceto nela própria.

Silenciosa Aranha Paciente

Silenciosa aranha paciente,
notei como em ligeiro promontório ela estava isolada,
notei como explorar o vasto vazio que a circundava:
ia jogando fio, fio, fio tirado de si mesma,
soltando-os sempre mais, incansável fazendo-os correr sempre.
E tu, ó minha alma, onde estás,
cercada, separada, em desmedidos oceanos de espaço,
ininterruptamente ponderando, arriscando, jogando, buscando
esferas para ligá-las,
até que esteja construída a ponte que hás de necessitar, até que
esteja segura a âncora dúctil,

até que o fio de teia que lanças pegue em algum lugar, ó minha alma!

Canção de Mim Mesmo

EU CELEBRO a mim mesmo,
E o que eu assumo você vai assumir,
Pois cada átomo que pertence a mim pertence a você.

Vadio e convidado minha alma,
Me deito e vadio à vontade...
observando uma lâmina de grama do verão.

Casas e quartos se enchem de perfumes...
as estantes estão entulhadas de perfumes,
Respiro o aroma eu mesmo, e gosto e o reconheço,
Sua destilação poderia me intoxicar também, mas não deixo.

A atmosfera não é nenhum perfume...
não tem gosto de destilação... é inodoro,
É pra minha boca apenas e pra sempre...
estou apaixonado por ela,
Vou até a margem junto à mata sem disfarces e pelado,
Louco pra que ela faça contato comigo.

A fumaça de minha própria respiração,
Ecos, ondulações, zunzuns e sussurros...
raiz de amaranto, fio de seda, forquilha e videira,
Minha respiração minha inspiração...
a batida do meu coração...
passagem de sangue e ar por meus pulmões,
o aroma das folhas verdes e das folhas secas,
da praia e das rochas marinhas de cores
escuras, e do feno na tulha,
O som das palavras bafejadas por minha voz...

palavras disparadas nos redemoinhos do vento,
Uns beijos de leve... alguns agarros... o afago dos braços,
Jogo de luz e sombra nas árvores
enquanto oscilam seus galhos sutis,
Delícia de estar só ou no agito das ruas,
ou pelos campos e encostas de colina,
Sensação de bem-estar... apito do meio-dia...
a canção de mim mesmo se erguendo
da cama e cruzando com o sol.

Tudo é Verdade

Ah eu, há tanto tempo homem débil de fé,
separado ficando, há tanto tempo negando porções,
hoje apenas preocupado com a compacta verdade difusa em
tudo,
hoje ainda descobrindo mentira não haver nem forma de menti-
ra,
e nenhuma haverá
que não evolua sôbre si mesma inevitavelmente como a
verdade faz
ou como qualquer princípio da terra ou qualquer dos produtos
naturais que a terra elabora.
(É curioso isso e pode não ser avaliado imediatamente,
mas há de ser avaliado: .
eu sinto em mim que represento falsidades igualmente com o
resto,
e assim faz o universo.)
Onde é que já faltou uma resposta perfeita indiferente a
mentiras ou verdades?
Está na terra ou na água ou no fogo? Ou no espírito humano?
Ou na carne e no sangue?
Pensando entre mentirosos e voltando a mim mesmo ponderado
vejo que realmente mentirosos não existem, nem mentiras
afinal,

e que não fica nada sem perfeita resposta, e o que se dizem mentiras são perfeitas respostas, .
e cada coisa representa exatamente a si mesma e ao que a precedeu,
e a verdade inclui tudo e é tão compacta como compacto é o espaço,
e não há brecha ou vácuo na soma da verdade -
porém tudo é verdade, sem exceção;
e daqui por diante vou celebrar tudo que vejo e sou,
cantando e rindo e mais nada negando.

Um Canto às Ocupações

Um canto às ocupações!

No labor dos negócios e das máquinas e no labor dos campos
vejo progressos

e encontro eternos significados.

Trabalhadores e Trabalhadoras!

Fôssem tôdas as formas de instrução prática e ornamental
bem expostas por mim, que contaria isso para vós?

Fôsse eu o professor-chefe, proprietário caridoso, sábio
estadista, que contaria isso para vós?

Fôsse eu como o patrão vos dando emprêgo e pagando, isso
vos satisfaria?

*Os instruídos, os virtuosos, os benevolentes, e os tétmos de
costume;*

um homem feito eu e nunca os têtmos de costume.

Nem servo nem senhor, eu:

não pego mais depressa um alto preço do que um preço
pequeno, terei o meu quando alguém me agradar,

convosco serei igual e sereis iguais comigo,

se ficais trabalhando numa loja hei de ficar tão próximo quanto
o mais próximo na mesma loja,

se dais presente a vosso irmão ou amigo mais caro,

esperarei um tão bom quanto o de vosso irmão ou amigo

mais caro,
se quem vos ama, espôso, espôsa, dia ou noite é bem-vindo,
hei de em pessoa ser igualmente benvindo,
se vos tomais degradados, criminosos, doentes, assim hei de
ficar por vossa causa,
se lembrais o que fizestes de louco e fora da lei, então
não posso lembrar 6 que eu também fiz de louco e fora
da lei?
Se estais à mesa bebendo, do outro lado da mesa bebo eu.
Se achais uma pessoa desconhecida na rua e gostais dêle ou
dela,
ora, encontro muitas vêzes desconhecidos na rua e gosto
dêles..
Pois, o que tendes pensado de vós?
Sereis então quem menos pensou em vós?
Sereis quem imaginou o Presidente maior do que vós?
Ou os ricaços mais bem situados do que vós? Ou os eruditos
mais sábios do que vós?
(Por serdes gordos ou cheios de espinhas, por terdes sido
bêbado uma vez, um ladrão mesmo,
ou por serdes doente, um reumático, ou uma prostituta,
por leviandade ou fraqueza, ou por não serdes doutor
e jamais terdes visto vosso nome pôsto em letra de
imprensa
- deixareis de lutar por serdes algo menos imortal?)

Uma folha às mãos dadas

Uma folha às mãos dadas,
vós naturais pessoas velhas e jovens!
vós sobre o Mississipi ou sobre todos os afluentes e os alagados
do Mississipi!
vós amistosos mecânicos e barqueiros! vós ásperos!
vós gêmeos! e todas as romarias andando ao longo das ruas!
quero infiltrar-me entre vós até ver que passou a ser comum

andares de mãos dadas.

Uma mulher me espera

Uma mulher me espera: ela tem tudo, nada está faltando, embora faltasse tudo se estivesse faltando o sexo ou o borrifo do homem certo.

O sexo contém tudo: corpos, almas, significados, provas, purezas, delicadezas, resultados, avisos, canções, comandos, orgulho, saúde, o materno mistério, o leite seminal, todas as esperanças, benefícios, dádivas, as paixões todas, amores, belezas, gozos da terra, todos os governos, juízes, deuses, pessoas com seguidores no mundo, estão contidos no sexo como partes dele mesmo e sua justificação.

Sem se envergonhar disso, o homem que eu gosto conhece e proclama as delícias do seu sexo, sem se envergonhar disso a mulher que eu gosto conhece e proclama o dela.

Agora quero afastar-me das mulheres impassíveis, vou ficar com aquela que me espera, com aquelas que têm calor no sangue e são suficientes para mim, vejo que elas me entendem e não me negam, vejo que me merecem, eu quero ser o robusto marido dessas mulheres.

Elas não são nem uma gota menos do que eu, têm as faces curtidas pelos sóis a brilhar e ventos a soprar, a carne delas tem a maciez e força divina antiga, sabem nadar, remar, lutar, montar, atirar, correr, atacar, avançar, recuar, resistir, defender-se, dentro do seu direito elas são definitivas - calmas, claras, bem donas de si próprias.

Atraio-vos junto a mim, ó mulheres,

eu não vos posso deixar passar, quero fazer-vos bem,
sou para vós e vós sois para mim, não só por nós
mas por causa de outros,
em vós dormitam encobertos bardos e herois dos maiores,
recusam-se a acordar ao toque de qualquer homem
a não ser eu.

Sou eu, mulheres, traço meu caminho,
sou acre, ríspido, grande, indissuadível, mas eu vos amo,
eu não vos machuco mais do que vos é necessário,
pingo a matéria para dar início a filhos e filhas
aptos para estes Estados, empurro com lento músculo rude,
abraço com eficácia, não dou ouvido a exigências,
e não ousa retirar-me sem antes depositar
o que tanto se acumulou dentro de mim.
Através de vós entorno os confinados rios de mim mesmo,
em vós envolvo mil anos por vir,
em vós enxerto as mudas dos mais bem amados meus
e da América,
as gotas que destilo sobre vós hão de crescer
em bravas e atléticas moças, novos artistas,
cantores e músicos, os bebês que semeio sobre vós
a seu turno hão de semear bebês,
eu cobrarei mulheres e homens perfeitos
pelos meus gastos de amor,
esperarei que se interpenetrem com outros,
como agora interpenetramos vós e eu,
contarei com os frutos das chuvas deles torrenciais,
como conto com os frutos das chuvas torrenciais
que ora derramo,
procurarei pelas safras de amor que desde o nascimento,
a vida, a morte, a imortalidade, planto agora
tão amorosamente.

Vida

Sempre a indescorajada alma do homem
resoluta indo à luta.

(Os contingentes anteriores falharam?
Pois mandaremos novos contingentes
e outros mais novos.)

Sempre o cerrado mistério
de todas as idades deste mundo
antigas ou recentes;
sempre os ávidos olhos, hurras, palmas
de boas-vindas, o ruidoso aplauso;
sempre a alma insatisfeita,
curiosa e por fim não convencida,
lutando hoje como sempre,
batalhando como sempre.

Vocalismo

Que há comigo que me faz estremecer assim ao ouvir vozes?
Seguramente quem quer que fale comigo com a voz certa,
seguirei com êle ou ela,
como a água segue a lua, silenciosamente, a passos fluidos, por
tôda parte ao redor do globo.

Tudo espera vozes certas.

Onde está o órgão perfeito e treinado? Onde está a alma
desenvolvida?

Pois vejo em cada palavra então pronunciada novos sons, mais
doces, impossíveis em outras condições.

Vejo os cérebros e lábios fechados, têmperas e tímpanos
intocados,

até chegar a pessoa que tenha o dom de tocar e abrir,
até chegar a pessoa que tenha o dom de levar adiante o que
jaz dormitando sempre prestes em tôdas as palavras.

Bibliografia:

Whitman, Walt. *Leaves of Grass*. New York: W. W. Norton & Company, 1973.

Whitman, Walt. *Folhas de Relva*. Seleção e tradução de Geir Campos. Ilustrações de Darcy Penteado. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1964.